

# Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

# 259

Mês: Setembro

Ano: 2020

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:

[www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)

## Elis, o fino da bossa

Uma das cantoras mais populares da história da música brasileira estaria completando 75 anos em 2020, se não tivesse morrido tão precocemente, aos 36 anos. Intensa e visceral, Elis Regina foi protagonista não só de uma fase da cena musical do país, como também da própria trajetória. A manhã do dia 19 de janeiro de 1982 entrou para a história da MPB como o dia em que o Brasil perdeu um de seus maiores talentos. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

**J** Editorial

O Brasil teve uma série de grandes cantoras populares, como Emilinha Borba, Marlene, Ângela Maria, Nora Nei e Elizeth Cardoso. Desse grupo, certamente também fez parte a gauchinha Eis Regina, que, cedo, saiu de Porto Alegre para tentar a vida no Rio de Janeiro. Conseguiu fazer sucesso, com sua extraordinária voz e uma capacidade ímpar de interpretação. Quando nascia para o sucesso, na década de 1950, tive o privilégio de entrevistá-la para a revista *Manchete*. Ela veio, com toda humildade, para a redação na rua Frei Caneca, nº 511. Ficamos juntos, no 2º andar, por quase duas horas, até que ela contasse sobre os seus planos e a imensa vontade de alcançar as luzes do sucesso, que não era para todos. Isso acabou acontecendo e o seu nome foi inscrito no primeiro time das cantoras de rádio, que, na ocasião, era o termômetro do êxito. Quando veio a televisão, participando dos grandes festivais da época, Elis Regina ficou mesmo no primeiro time. Daí a justa homenagem que o JORNAL DE LETRAS presta à sua memória, nesta edição. O seu nome ficou na história – e esse é um dado eminentemente cultural.

O editor.



A homenagem do JORNAL DE LETRAS aos acadêmicos aniversariantes de setembro: José Murilo de Carvalho (dia 8) e Joaquim Falcão (dia 10).

**J** Expediente

**Diretor responsável:** Arnaldo Niskier

**Editadora-adjunta:** Beth Almeida

**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman

**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa).

**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.

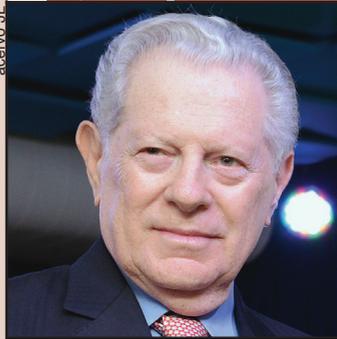
**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

**Versão digital:** www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO  
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

**J** Opinião

Arnaldo Niskier

**A divina**

Quando noivos, eu e a Ruth frequentávamos muito a rua Senador Eusébio, no Flamengo, onde morava a Cléa, uma das suas melhores amigas. Era uma rua bem caseira, sem saída (na época). No número 3, logo à entrada, estava sendo construído um prédio bem simpático, de 8 andares. Namorávamos a possibilidade de morar por ali, com a vantagem de que era bem perto da *Manchete*, onde eu trabalhava.

Quis o destino que o meu futuro sogro topasse a ideia. Deu toda força e, logo após o festejado noivado, pagou o sinal para a compra do apartamento 701. Um mês depois, infelizmente, veio a falecer, num inesperado e fulminante ataque cardíaco. Mesmo assim, mantivemos o compromisso e ali se tornou o lugar em que nasceram os nossos três filhos.

Com um pormenor adicional e extremamente feliz: no andar de cima, morava a extraordinária cantora que foi Elizeth Cardoso. Vezes sem conta nos encontrávamos no elevador ou na portaria, e assim se fez uma amizade para toda a vida. Ela era simpaticíssima e se tomou de amores pelo nosso filho mais velho, o Celso. Sempre que o encontrava, a “Divina”, como passou a ser chamada, passava a mão na cabeça dele e o chamava carinhosamente de “Meu Lourinho”. A bênção simpática da maior cantora brasileira era um bálsamo.

Hoje, ela estaria fazendo 100 anos. Posso falar na alegria do neto Paulo Valdez, que conheci como vizinho, se pusesse reencontrar a avó famosa, falecida há cerca de 30 anos. Terá álbuns relançados nas plataformas de streaming, além de comemorações em shows virtuais e lives espalhadas pelas redes sociais. Sem ter tido a popularidade de Maria Betânia, Elis Regina e Gal Costa, mas com uma voz marcante e uma carreira exemplar, Elizeth começou a cantar na noite carioca, até ser contratada pela gravadora Todamérica. Já era um nome de grande expressão no rádio brasileiro, para onde foi levada pelo querido amigo (frequentador do nosso prédio) Jacob do Bandolim. Com ele, gravou um samba de Noel Rosa, intitulado “Quem ri melhor”. Mas o primeiro grande sucesso foi “Canção de Amor”, de 1950, até se tornar protagonista do movimento da Bossa Nova, que acompanhei bem de perto com a amizade por Ronaldo Bôscoli, meu colega da *Manchete*. Gravou diversas músicas de sucesso, com a sua voz inigualável. Merece a nossa homenagem.

“Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.”

Cecília Meireles

“A gente nasce e morre só.

É talvez por isso mesmo é que se precisa tanto de viver acompanhado.”

Rachel de Queiroz

# Comadre Jacira – um microconto para a quarentena

Por Rogério Faria\*

Comadre Jacira está desolada. Por conta da quarentena, há três meses não confessa a padre Duílio – como faz há quarenta anos, disciplinada e rigorosa – as terríveis faltas contra Deus e a Igreja que tem cometido em sua rotina de senhora pacata e sozinha, agora mais que nunca. Se fosse só desolada... Está angustiada, quase no limite. Não tolera conviver com os pensamentos e as imagens torpes que lhe atormentam a mente e as carnes, chegando, às vezes, a desgovernar suas mãos, habitualmente contidas, obedientes. A única forma de purgá-los, de bani-los de seu convívio, mesmo que temporariamente, é a que sempre usou, com sucesso garantido: a narração minuciosa dos pecados cometidos por sua imaginação ao velho senhor, hoje bastante idoso e praticamente surdo, como toda a gente comenta. Uma corrente de eletricidade parece percorrer a espinha de Jacira nos momentos mais excitantes dos casos que não tem vergonha de revelar ao pretense ouvinte. É quando fica ereta. Caprichando nos detalhes – os olhinhos brilhando, a boca úmida, a saliva abundando – fala como se as cenas houvessem sido, de fato, vividas, e não apenas sonhadas. Chega ao final levemente cansada, a respiração acelerada, o peito arfando. E espera, com prazer, a prescrição da penitência. Nas vezes em que padre Duílio se esquece das punições, a Comadre faz questão de lembrá-lo: “E o que terei que

fazer para que o Pai Eterno aceite o meu arrependimento?” Quando o seu interlocutor lhe parece suave, displicente ou negligente, Jacira se sente ofendida, até traída, como se suas infrações não importassem ou fossem tolas, inofensivas, insignificantes. O senhor não entendeu o que lhe disse, padre? Se quiser, repito tudo, tim-tim por tim-tim.”

E se Comadre Jacira rompesse o isolamento social e fosse até a Matriz, valentona, desafiando as autoridades? Atingiria o seu objetivo? Por recomendação médica, padre Duílio está impedido de receber os fiéis. Seu médico precisou gritar no seu ouvido: “O senhor é do grupo de risco. Gru-po de ris-co. Não brinque com esse vírus, padre Duílio, por favor.” As missas foram suspensas. Os templos estão fechados até que as regras de flexibilização permitam a sua reabertura. Josino, um seminarista bem jovem e muito à vontade com as tecnologias digitais, se dispõe a apresentar a padre Duílio as maravilhas da Internet e das redes sociais. “Se o senhor quiser, posso organizar as celebrações pelo zoom ou por Skype. O que acha da ideia?” O velho homem chega a franzir o cenho, o raciocínio embaralhado. Depois, recupera a tranquilidade: “Pedirei a padre Davi que reze com os paroquianos pelo computador, Josino. Eles vão gostar. E padre Davi também, eu tenho certeza.” O menino se levanta, pronto para sair do quarto. “Só tem uma caridade de que não posso abrir mão, Josino. Sob o risco de matar alguém. Matar mesmo – e falo sem exagero.

Amparada por Josino, escondida pelo casaco e pelo capuz, Comadre Jacira está de máscara e luvas. Mantém a cabeça baixa, como se não pudesse ser vista. Entra pela porta dos fundos da casa de padre Duílio, no horário mais discreto, quando todos estão fazendo a sesta, encerrados em seus aposentos. O jovem seminarista abre a porta do quarto, onde o velho sacerdote já está posicionado, numa cadeira em frente a outra. “Sou todo ouvidos, Jacira. Todo ouvidos.”

\*Rogério Faria Tavares é jornalista e presidente da Academia Mineira de Letras.

## Dia do escritor

Por José Luís Lira\*

Esta coluna, não diria crônica, é para Matusahila Santiago, *in memoriam*. Nos dias que passaram, em 20 de julho, tivemos o dia do amigo, da amizade; de Santa Maria Madalena, amiga de Jesus, tantas vezes erroneamente interpretada: em 22, a reconstrução da face de Santa Maria Madalena, equipe que coordenei, em 2015, tendo à frente o designer 3D Cícero Moraes, promoveu, também, a possibilidade de uma revisão histórica da santa a partir dos evangelhos. No dia 25 de julho, foi o Dia Nacional do Escritor, instituído, na década de 1960, por portaria do extinto Ministério da Cultura, em alusão ao primeiro Festival do Escritor Brasileiro, promovido pela União Brasileira de Escritores. O objetivo deste dia é despertar o interesse pela literatura nacional e apresentar obras de autores e autoras já consagrados junto a novos talentos.

E quantos escritores e escritoras poderíamos destacar neste dia? Muitos... Alencar, Machado, Rachel, Capistrano, Olinto, Nélida, Sadoc de Araújo, Guimarães, Natércia, Moreira e grande elenco. Também os jovens escritores Léo Prudêncio, Mailson Furtado e tantos outros talentos, alguns guardados em gavetas, mas com talento imensurável. E não posso deixar de citar os consagrados poetas Gerardo Mello Mourão, Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jäder de Carvalho, Osvaldo Chaves, Ximenes e o trem e tantos e tantos artífices da poesia que cantaram dores, alegrias, amores e desilusões, pois que, embora não brasileiro, Fernando Pessoa dizia que “o poeta é um fingidor. Finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente”.

E o que diríamos de quem nasceu no dia nacional do escritor? Falo do Poeta Maior do Ceará, Artur Eduardo Benevides, o Príncipe dos Poetas Cearenses, nascido em 25 de julho de 1923, em Pacatuba (CE).

Artur disse, em verso, “Ai, deixa-me, pois ser apenas um poeta!/ O que fui, até hoje, de alma repleta”. E foi poeta de alma repleta até seu último suspiro, dado em 21 de setembro, nas vésperas da primavera de 2014. Tive a honra de biografar o Príncipe Artur no livro *O Poeta do Ceará: Artur Eduardo Benevides*. Eu era quase um menino. Aproximei-me do poeta, tornei-me seu biógrafo e seu amigo. Era homem clássico, culto, sério e poeta terno, apaixonado por sua musa e pelo sagrado, buscava entender os mistérios e escreveu contos de mistério.

Poucos dias após seus 90 anos, fui fazer-lhe uma visita e perguntei se ele estava escrevendo algo. Sua resposta deu origem a um pequeno poema, de minha autoria, em sua homenagem: Escrever é um vício/ Assim responde o Poeta ao Estudante/ Que indaga:/ O Senhor está escrevendo?// Artur, Artur Eduardo Benevides/ Poeta dos poetas e do Ceará/ Tua poesia, teu vício, é sublime.// Que a vida nos oportunize/ Versos teus, para tua musa,/ Para amenizar aquela “coisinha” pequena/ Que sentias em Rosário (AR)/ E te fez retornar ao teu Ceará;/ A saudade, pois, em poesia// Conforme afirmas,/ O que não for saudade é liturgia!/ Liturgia dos teus 90 anos!

Tentei concluir com versos de Madre Maria José de Jesus, a futura santa, filha de Capistrano de Abreu, cuja poesia era apreciada por Manuel Bandeira, mas, não encontrei. Biblioteca dividida em três lugares, dá nisso. Aplausos ao escritor brasileiro, em seus livros, seus versos, suas paixões!

\*José Luís Lira é doutor em Direito, professor do Curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), fundador da Academia Fortalezense de Letras, da Academia Brasileira de Hagiologia, da Academia Sobralense de Letras Jurídicas, integrando outras entidades culturais e científicas, tendo publicado 23 livros.

● PARA FESTEJAR os 90 anos do acadêmico Zuenir Ventura, a Editora Objetiva relança, no próximo ano, em caprichada edição, revista e ampliada, *Minhas Histórias dos Outros*.

● **EPIFANIAS – COMO SE FOSSEM CRÔNICAS**, lançado em e-book, é o mais recente livro da escritora Ester Abreu Vieira de Oliveira, presidente da Academia de Letras do Espírito Santo.

● NO RECÊM-LANÇADO e já best-seller *O Mundo Pós-pandemia* (Ed. Nova Fronteira), organizado por José Roberto Castro Neves, 50 profissionais de áreas variadas refletem sobre os impactos do Covid-19, traçando cenários futuros.

● EM SEU 40º livro, *Ifá Lucumi: o resgate da tradição* (Editora Pallas), o pesquisador Nei Lopes revisita sua ancestralidade africana para olhar o futuro.

● **TODA A OBRA DO MESTRE FERNANDO SABINO** (1923-2004) está sendo republicada pela Editora Record, em e-book e impressa.

● O PRESIDENTE do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha, Manoel Góes, lançou seu primeiro livro de crônicas: *Com a Sorte da Palavra* tem o prefácio assinado pela acadêmica capixaba Bernadette Lyra.

● O **MAL SOBRE A TERRA** (Ed. Topbooks), de Mary del Priore, que fala sobre a destruição feita pelo terremoto de Lisboa, em 1755, será publicado em Portugal pela Objectiva-Random House, em outubro.

● O BRASIL ESTÁ entre os países analisados na obra *Capital e Ideologia*, do renomado economista francês Thomas Piketty, lançada no país pela Editora Intrínseca, com 1.056 páginas.

● NESTE MÊS de setembro, a Cinemateca do MAM inaugura novo departamento de documentação e pesquisa, no Rio de Janeiro. Mais de 7 mil filmes estão em poder da entidade.

● VENCEDOR DO Nobel de Literatura em 1946, o alemão Hermann Hesse ganhou nova tradução no Brasil. Três histórias na vida de um andarilho: este é o subtítulo de Knulp (1915), lançado pela Editora Todavia com tradução de Julia Bussius.

● O LANÇAMENTO de *Cartas de um Terapeuta para seus Momentos de Crise*, de Alexandre Coimbra Amaral, marca a chegada ao Brasil do selo argentino Paidós, criado em 1975.

● NO TERCEIRO livro infantil de Paula Acioli, *A Terra e o Corona* (Editora Grafitto), a pandemia é explicada aos pequenos de maneira leve.

● FENÔMENO DE audiência no Reino Unido, a série *Normal people*, adaptação do romance *Pessoas Normais*, da irlandesa Sally Rooney, chegou ao Brasil pela plataforma de streaming “Starzplay”.

● O NOVO LIVRO do finalista do Prêmio Jabuti 2019, Daniel Bonovolento, com o título *Sete Dias pro Fim do Mundo*, foi lançado pela Editora Planeta, dando prosseguimento à coleção de instant-books.

● TREZENTAS oportunidades para estudantes do 7º ao 9º ano da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, identificados com altas habilidades, serão oferecidas no processo seletivo para bolsistas de 2021, em acordo renovado da Prefeitura com o ISMART (Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos).

● **QUINZE DIAS**, primeiro livro do paulista Vitor Martins, sucesso de vendas no Brasil, editado pela ALL (selo jovem da Globo Livros), será publicado nos EUA e no Reino Unido, em novembro.

● A CARTUNISTA gaúcha, radicada em São Paulo, Bruna Maia lançou seu primeiro livro: com 170 páginas, *Parece que Piorou* tem o selo de HQ da Companhia das Letras.

● JÁ FUNCIONA a todo vapor, em cinco capitais do país (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza e Recife), a rede de drive-ins multiuso Go Dream. Além de filmes, os espaços exibem shows musicais e de humor, peças, palestras e até jogos de futebol.

● ROMANCE DE estreia do paulista Marcelo Vicitin, *As Sobras de Ontem* foi lançado pela Editora Companhia das Letras, com 216 páginas.

● SAIU PELA Editora Harper Collins a continuação do best-seller *P.S. Eu te amo*, de Cecelia

## OTIMISMO

VOCÊ JÁ REPAROU COMO A MÁSCARA RESSALTA A BELEZA NOS OLHOS DAS PESSOAS ?



Ahern. A tradução das 336 páginas é de Giu Alonso.

● CHEGARÁ ÀS livrarias em breve, pela Civilização Brasileira, *A Psicanálise e as Inflexões Civilizatórias da Pandemia*, do psicanalista Joel Birman. Na obra, o autor defende que o Covid-19 marca o início real do século XXI.

● RELANÇADO PELA Editora Globo, o romance *A Mãe da Mãe de sua Mãe e suas Filhas*, de Maria José Silveira, foi vendido para Taiwan, depois do sucesso de edições na Turquia, França, Itália e Estados Unidos.

● **ESSA GENTE**, último livro do premiado Chico Buarque, lançado pela Companhia das Letras, será publicado na Espanha, Portugal e Itália.

● CAÊ GUIMARÃES, com o romance *Encontro Você no Oitavo Round*, e Tônio Caetano, com a coletânea de contos *Terra nos cabelos*, ganhadores do Prêmio Sesc de Literatura, superaram 1358 obras inscritas. Ambos foram lançados pela Editora Record.

● A ACADEMIA Espírito-santense de Letras publicará, pela primeira vez, uma antologia on-line. O livro eletrônico *Torta Capixaba III* reunirá contos, crônicas e poesias sobre a cultura, história, arte, turismo e outros temas relacionados ao ES. Os textos

serão publicados no site da instituição, como uma prévia da comemoração do seu centenário, em 2021.

● NESTE ANO, o projeto Balsa-escola do Senac, desenvolvido no Amazonas, completa 20 anos, em plena pandemia. Trata-se de uma unidade móvel fluvial para democratizar a educação profissional, atendendo a população ribeirinha.

● EM PARCERIA com a Marinha do Brasil, a Academia Brasileira de Letras promove a distribuição de livros clássicos nacionais nos centros escolares e comunitários da Amazônia.

● COM NARRATIVAS em defesa da natureza, já são sucesso de vendas os dois últimos livros infantis lançados, juntos, por Rita Lee, pela Globo Livros: *Dr. Alex e os Reis de Angra* e *Dr. Alex e o Phantom*.

● MUITOS TÊM buscado explicações na literatura para os problemas sanitários que enfrentamos. Os livros que registram maior procura, desde o início da crise, são os relacionados a epidemias e distopias, com destaque para *A Peste*, de Albert Camus.

● **ERA UMA VEZ MINHA PRIMEIRA VEZ** é mais um livro de Thalita Rebouças que vira filme. Com direção de Cris D'Amato, será lançado em 2021.

# Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

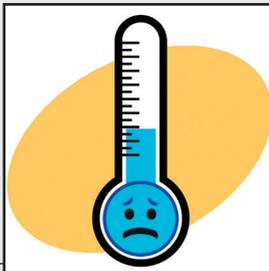
## Inverno rigoroso

“Melissa adorou a viagem para os EUA, mas não aprovou a temperatura abaixo de zero graus.”

Nem poderia, escrevendo dessa maneira.

Veja: a palavra **zero** está no singular, portanto, o substantivo deve acompanhar sua flexão.

Período correto: “Melissa adorou a viagem para os EUA, mas não aprovou a temperatura abaixo de zero **grau**.”



## Cuidado com o leão

“Jonas perdeu o prazo de entrega do Imposto de Renda, agora precisa resolver esse problema para ficar quites com a Receita Federal.”

Não vai dar certo!

Veja, a palavra “quite” deve concordar com o substantivo a que se refere. Ex.: “Os contribuintes estão **quites** com a Receita Federal.”

Período correto: “Jonas perdeu o prazo de entrega do Imposto de Renda, agora precisa resolver esse problema para ficar **quite** com a Receita Federal.”

## Decoração

“Ao meu ver, essa decoração está muito espalhafatosa.”

Não creio que esteja tão ruim assim...

A forma socialmente aceita e preferida pela gramática é “**a meu ver**”, entretanto não significa que a outra forma esteja errada. A primeira forma é mais aceita, pois é clássica e porque ela obedece às leis gerais da gramática. Neste caso, a preposição **a** aparece sozinha, sem auxílio de artigo. Entretanto, a formação **ao meu ver** também pode ser usada, apesar de não existir exemplos em textos literários de autores e gramáticos. A forma pode ser utilizada, pois a língua portuguesa admite o uso facultativo de artigos próximos a pronomes possessivos. Ou seja, é possível falar “Vou para minha casa” ou “vou para **a** minha casa”. Assim, fica claro que é possível utilizar qualquer uma das expressões sem cometer erro gramatical. A diferença está apenas que a forma sem o artigo é a preferida pelos grandes gramáticos.

**A meu ver** ou **Ao meu ver**, aprender a escrever e falar corretamente só faz bem!

## Sem atenção

“Regina tentou passar despercebida, mas foi reconhecida assim que entrou no saguão do hotel.”

Acho que não deu certo!

**Desapercebido** significa desprovido, desprevenido. Ex.: “Ele estava totalmente **desapercebido** de dinheiro.”

**Despercebido** significa sem atenção. Ex.: “As mudanças passaram **despercebidas**.”

Período correto: “Regina tentou passar **despercebida**, mas foi reconhecida assim que entrou no saguão do hotel.”

## Viajem desastrosa

“Alex disse aos amigos que a viagem foi um desastre.”

Não tenho dúvidas!

**Viagem** com **g** é substantivo. Ex.: “Fizemos uma linda **viagem**.”

**Viajem** é a flexão do verbo **viajar** no Presente do Subjuntivo e no Imperativo. Ex.: “Espero que eles **viajem** amanhã cedo.”

Período correto: “Alex disse aos amigos que a **viagem** foi um desastre.”

## Perdeu!

“Marcel disse a Elis para que ela não perda as esperanças, tudo vai dar certo.”

Escrevendo desse modo, não acredito nessa certeza.

**Perda** é um substantivo. Ex.: “Há **perda** de tempo com tantas banalidades.”

O vocábulo adequado é **perca** (verbo). Ex.: “Não **perca** as estribeiras.”

Período correto: “Marcel disse a Elis para que ela não **perca** as esperanças, tudo vai dar certo.”

## Carta sem resposta

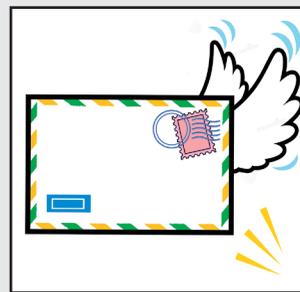
“Ulisses mandou anexo as cartas-convite, mas não obteve resposta.”

É preciso atenção para acertar nessa concordância.

Dizer que algo está **em anexo** é o mesmo que dizer que algo está anexado, por isso a palavra deve concordar com o substantivo a que ela se refere. Ex.: “**Anexas** seguem as comandas do restaurante para conferência.”

Em anexo é uma forma invariável, portanto, não vai para o feminino e nem para o plural. Ex.: “**Em anexo**, seguem os memorandos”; “Segue o comprovante em anexo”.

Período correto: “Ulisses mandou **anexas** as cartas-convite, mas não obteve resposta.”



# Leia o jornal que só traz boas oportunidades: leia a Folha Dirigida

Se você está à procura de uma boa oportunidade, então não pode deixar de ler a Folha Dirigida. Você irá encontrar um noticiário completo sobre concursos, empregos, estágios, vestibulares e Educação. Peça ao jornaleiro a Folha Dirigida, o jornal que ajuda quem deseja ingressar no mercado de trabalho.

## FOLHA DIRIGIDA

www.folhadirigida.com.br

9 A 15 DE MARÇO DE 2017

### FOLHA DIRIGIDA

O MAIS COMPLETO JORNAL ESPECIALIZADO EM EDUCAÇÃO, TRABALHO E CIDADANIA

Publicação Mensal nº 1 Ano XIII | Número 2.902

www.folhadirigida.com.br

**Terceirização: para advogados, projeto de lei é inconstitucional**  
 Projeto de Lei 4.302/16, que regulamenta a terceirização no país (incluindo o serviço público), é inconstitucional para advogados, entre os quais o promotor do trabalho Renato Sarata, que é vice-presidente da Anpqa. Página 22

**Técnico do TRF: anulação de questões é inevitável**  
 Para diversos professores, várias questões da prova do TRF-RJ/ES para técnico da área administrativa devem ser anuladas. Página 8

**Área fiscal: até R\$19.669 mensais**  
 Receita Federal, Ministério do Trabalho e Ministério da Agricultura programam concursos para fiscal. Nível superior. Página 4 e 6

**REMUNERAÇÕES DE R\$7.260 E R\$11.345 MENSAIS**  
**MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO: NOVO CONCURSO. 2º E 3º GRAUS**  
**TÉCNICO E ANALISTA: DEFINIDA COMISSÃO DO CONCURSO**  
 Ministério Público da União (MPU) publicou no Diário Oficial a comissão do seu novo concurso para as carreiras de técnico (nível médio ou médio-técnico; R\$7.260) e analista (nível superior; R\$11.345). Seleção deverá abranger todo o país, incluindo o Rio de Janeiro. Próximo passo agora será a definição da organizadora. Veja noticiário e programa do último concurso para técnico administrativo. Página 7

**CONCURSOS**  
**Eletrônicos: vagas de técnico. Até R\$10.465**  
 Fundação Eletrônica recebe inscrições para 20 vagas de técnico em eletrônica. Concurso de 200 questões. O teste será realizado em 10 dias úteis. O teste será realizado em 10 dias úteis. O teste será realizado em 10 dias úteis. Página 2

**UFF: veja novo teste para assistente**  
 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Rio de Janeiro (FAPERJ) divulgou o edital para o teste de seleção para o cargo de assistente administrativo. O teste será realizado em 10 dias úteis. O teste será realizado em 10 dias úteis. Página 2

**Caxias: concurso para 2º e 3º graus**  
 Prefeitura de Caxias programa a abertura de concurso para a área de Educação. O teste será realizado em 10 dias úteis. O teste será realizado em 10 dias úteis. Página 20

**OPINIÃO**  
**Fadado ao insucesso**  
 Na área de preservação ambiental, o governo federal tem investido o mesmo esforço que desistiu no passado. O teste será realizado em 10 dias úteis. O teste será realizado em 10 dias úteis. Página 6

**SIGA FOLHA DIRIGIDA NAS REDES SOCIAIS**

- FolhaDirigida
- Folha\_Dirigida
- FolhaDirigida
- FolhaDirigida

**Marinha e Aeronáutica realizam cinco concursos, dos quais três exigem só ensino médio: fuzileiros navais (1.200 vagas), Academia da Força Aérea (66) e Escola Naval (30). Há ainda oportunidades para quem possui o superior em diversas áreas. Para a maior parte das vagas, as inscrições já estão abertas. Veja noticiário.**

**Teresópolis: concurso para magistério**  
 Subsecretaria de Educação de Teresópolis confirma concurso para o magistério. Edital poderá ser divulgado ainda este mês.

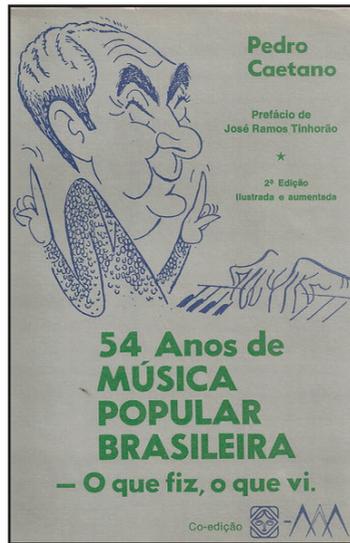
3as e 5as nas bancas

# Pedro Caetano, o cronista musical de seu tempo

Por José Roberto Santos Neves\*

Consagrado por sambas, valsas e marchinhas, compositor teve sucesso gravado por Elis Regina e gravou disco dedicado ao Espírito Santo.

Em sua autobiografia, *54 Anos de Música Popular Brasileira – o que fiz, o que vi*, Pedro Caetano se definia, de forma bem-humorada, como “um cara que começou logo dando confusão”. O compositor se referia ao fato de que ele nasceu em 1911, no dia 1º de fevereiro, em uma fazenda no município de Bananal (SP). No entanto, o pai, Durval Mendo Caetano, somente veio a registrá-lo no dia 24, deixando que o escrivão anotasse o nascimento na data do registro. Trabalhador rural de origem simples, Seu Durval também ignorou quando o escrivão registrou o nome do filho como Pedro Walde Caetano, ao invés de Pedro Waldyr Caetano, conforme desejava a esposa.



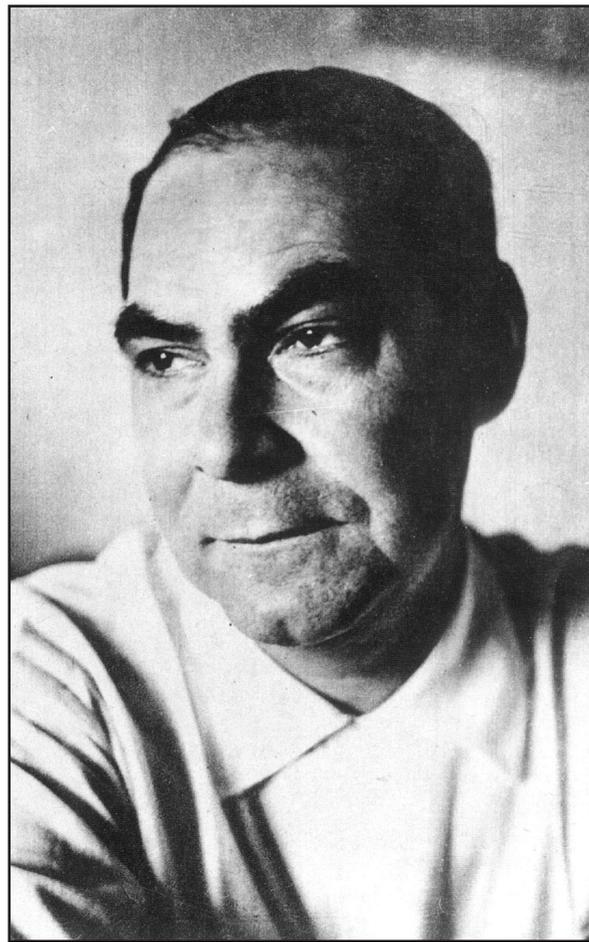
“Um dia, quando precisou mandar vir uma certidão do registro de nascimento para o Serviço Militar, o cara descobriu que não tinha mais nascido no dia 1º de fevereiro e nem se chamava Pedro Waldyr Caetano. Não deu ‘bola’. Passou a apagar as velinhas no dia 24 e a assinar Pedro Walde Caetano, tranquilamente”, divertiu-se o compositor no primeiro capítulo do livro.

Com três anos de idade, Pedro Caetano foi levado pelos pais para outra fazenda, em Maricá, no Estado do Rio, de onde se mudou com a família aos 12 anos para a cidade do Rio de Janeiro. Na então Capital Federal, empregou-se como sapateiro e começou a compor as primeiras músicas com os colegas na ponte do Maracanã, que ficava na altura da Rua Senador Furtado, onde morava. Por meio de um amigo em comum chegou a Sílvio Caldas, a quem apresentou um samba-choro de sua autoria. Estávamos na primeira metade da década de 1930, e Sílvio Caldas já fazia sucesso com sambas e marchinhas. Sílvio gostou da canção “metade samba, metade choro” do jovem compositor e decidiu apresentá-la no Programa Casé, da Rádio Phillips, “numa quarta-feira de 1934”.

Assim teve início a carreira de Pedro Caetano como compositor profissional. Logo ele conheceria seu primeiro parceiro, Claudionor Cruz, com quem compôs a valsa *Caprichos do Destino*, sucesso na voz de Orlando Silva em 1938.

Requisitado por gravadoras e cantores, Pedro Caetano transformou-se em uma máquina de composições em série. Suas criações ganharam vida nas vozes de Dircinha Batista, Orlando Silva, Aracy de Almeida, Francisco Alves, Cyro Monteiro, Carlos Galhardo, Gilberto Milfont e Odete Amaral, entre outros intérpretes de destaque nos anos 1940.

Entre os seus maiores sucessos estão a marchinha *Eu brinco* (“Com pandeiro ou sem pandeiro/Eu brinco/Com dinheiro ou sem dinheiro/Eu brinco”), lançada por Francisco Alves durante a Segunda Guerra Mundial; e o samba *É Com Esse que eu Vou* (“É com esse que eu vou/Sambar até cair no chão/É com esse que eu vou/Desabafar na multidão”), lançado no Carnaval de 1948 pelos Quatro Ases e um Coringa e regravado décadas depois por Elis Regina.



Porém o maior sucesso sentimental, segundo revelou em seu livro de memórias, é a valsa *Guarapari*. O compositor aprendeu a amar o balneário capixaba desde o momento em que foi apresentado à cidade por sua esposa, Rosa Provedel Caetano, uma italiana criada no Espírito Santo, que ele definia, com bom-humor, como “italiana da pesada”.

Após o lançamento da canção pelo seresteiro Nuno Roland, na Rádio Nacional, Pedro Caetano recebeu o título de Cidadão Guarapariense, virou nome de rua e emocionou-se com o sentimento de gratidão manifestado pelos moradores em cartas, telefonemas e telegramas.

Depois de Guarapari, o autor dedicou canções a Vitória, Domingos Martins, Colatina, Marataízes, Santa Teresa, Cachoeiro de Itapemirim, Linhares, São José do Calçado, o balneário de Jacaraípe, na Serra... Foram tantas as viagens e músicas inspiradas no Espírito Santo que, em 1985, no bojo das comemorações dos 50 anos de carreira do compositor, o governo do Estado lançou o LP *Pedro Caetano – Afinidades* (50 Anos de Música e seu Capixabismo). Com produção esmerada, este disco está à altura do mestre e registra o seu amor pelo Espírito Santo



nas vozes dos Grupos Céu da Boca e de músicos convidados.

Entre outros temas de raro lirismo, destaca-se a marcha *Vitória Cidade Sol*, celebrizada como o Hino Emocional de Vitória, com os versos que traduzem o carinho do compositor pela capital capixaba: “Cidade Sol, com o céu sempre azul/Tu és um sonho de luz norte a sul/Meu coração te namora e te quer/Tu és Vitória um sorriso de mulher”.

Pedro Caetano nos deixou em 27 de julho de 1992, no Rio de Janeiro, aos 81 anos. Morre o artista, eterniza-se a obra. Seu legado permanece vivo na obra de um artista gigante, que fez da crônica musical profissão e que soube como poucos utilizar o dia a dia como inspiração para narrar os desafios e virtudes do povo brasileiro. Que as novas gerações tenham a oportunidade de aprender a amar o Brasil – e o Espírito Santo – por meio de suas canções.

\*José Roberto Santos Neves é jornalista, escritor e membro da Academia Espírito-Santense de Letras.



# Uma canção para Diadorim

Por Vera Lúcia de Oliveira\*

“Quando você foi embora / Fez-se noite em meu viver”. Assim começa Travessia, de Fernando Brant e Milton Nascimento, que dispensam apresentação. E assim começa o sofrimento de Riobaldo, personagem-narrador de *Grande sertão: veredas*, (1956), de Guimarães Rosa, autor que também dispensa apresentação – e que morreu em 1967, mesmo ano em que nasceu a famosa canção.

No meio da guerra dos jagunços, que liderava do alto de um sobrado no arraial do Paredão, Riobaldo atirava e comandava o seu grupo. Mas não acreditou no que viu: após o silêncio das balas, Diadorim avançava sozinho ao encontro do inimigo Hermógenes, motivo da guerra, alvo de sua vingança, pois assassinara o seu pai, Joca Ramiro. Hermógenes também seguia destemido ao encontro de Diadorim. O Diabo no meio da rua, no meio do redemunho... era o único pensamento que acudia Riobaldo. E ele não pôde acreditar no que via. Perdeu o fôlego. Ficou paralisado. Olha a faca! Era como ver Davi indo ao encontro de Golias, ou São Jorge enfrentando o dragão: O que vendo, vi Diadorim – movimentos dele. Querer mil gritar, e não pude, para encurralar comprido... Tiraram a minha voz, disse Riobaldo. Morre Diadorim.

É sobre esse momento que a canção “Travessia” parece falar, do clímax desse romance, obra-prima de nossa literatura, momento de tensão máxima, de drama ou tragédia, que a canção tão bem retrata, coincidentemente ou não. Nesse momento profundo, algo se rompeu na alma de Riobaldo, se despreendeu e se perdeu para sempre. Fez-se memória da dor. Riobaldo que amou Diadorim de puro amor, mal encoberto de amizade. Diadorim que tinha um segredo a revelar a Riobaldo:... repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...

Temos, dessa maneira, a morte de Diadorim: “Quando você foi embora / Fez-se noite em meu viver”. Era uma noite de toda fundura, premonizou Riobaldo. “Forte eu sou mas não tem jeito / Hoje tenho que chorar”. E, ao ver

Diadorim morto, agora revelado linda moça, Deodorina, Riobaldo chorou rios de lágrimas, se desesperou. Desmaiou. Fez uma viagem simbólica da vida à morte. Uma travessia:

Eu despertei de todo – como no instante em que o trovão não acabou de rolar até ao fundo, e se sabe que caiu o raio... Diadorim tinha morrido – milvezes-mente – para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejaram.

Recobra, no entanto, os sentidos e chora: Eu descuidei. Eu deixei minhas lágrimas virem (...) “Solto a voz nas estradas / Já não quero parar”, diz a canção. E Riobaldo gritou, chamou Diadorim: Diadorim, Diadorim, Oh, ah, meus buritizais levados de verdes..., Burití, do ouro da flor... Segue a canção: “Estou só e não resisto / Muito tenho pra falar.” Viu que Diadorim era o corpo de uma mulher moça perfeita. (...) Uivei. Diadorim! E Diadorim morreu com o seu segredo, só agora revelado, mas pressentido por Riobaldo (...) nas curvas da boca, em rir dos olhos, na fina cintura.

Conta, então, Riobaldo, a sua vida a um interlocutor, o moço da cidade. “Minha casa não é minha/ E nem é meu este lugar”: Riobaldo estava em casa alheia, longe do seu lar. “Estou só e não resisto / Muito tenho pra falar.” Viu-se em dolorosa solidão depois de perder o amigo, o amor secreto de sua vida. Travo de tanto segredo. Diadorim que foi “Sonho feito de brisa” que o “Vento vem terminar” (morte), em meio a um “caminho de pedra”, de luta, de vida difícil de Riobaldo, doravante sem sonhos: “Como posso sonhar”, pergunta; “Vou fechar o meu pranto / Vou querer me matar”; “Vou seguindo pela vida / Me esquecendo de você”; e Riobaldo, após se recuperar do ferimento da luta, depois de meses de isolamento, de falta de vontade de viver, recebe a visita de Otacília, moça bonita, a quem queria bem e com quem viria a se casar. “Eu não quero mais a morte / Tenho muito que viver/ Vou querer amar de novo / E se não der não vou sofrer.” Decide, então, casar-se com Otacília e tentar ser feliz. Mas sem ilusão: “Já não sonho, hoje faço / Com o meu braço o meu viver.” Riobaldo casa-se e torna-se barranqueiro sossegado no São Francisco. Cumprindo dever.

Diadorim foi amor turbilhão, cachoeira; Otacília foi remanso do rio na vereda; Diadorim foi a violência da paixão, cavalo selvagem em corrida doida, desenfreada, nos campos dos Gerais. Urucua, rio do amor de Riobaldo. Otacília foi o rio calmo, silencioso, tocando leve e suave no barranco do rio. E foi porto seguro. Travessia.

\*Vera Lúcia Oliveira é professora e membro da Academia de Letras do Brasil.

## Aproximação a autores africanos de expressão portuguesa

Por Getúlio Marcos Pereira Neves\*

A Literatura em geral vem passando por uma fase de acentuada diversificação, em que são criadas demandas por novos autores, novas vozes, novas visões. É certo que o público leitor ficará condicionado a demandas geridas por quem fornece o produto (o livro), dentro das regras de marketing e obedecendo às leis de mercado, mas o comércio de livros pela internet favorece o desenvolver desse processo.

Aproveitemos essa tendência. Além de dar voz a atores historicamente aliados do ato de narrar, o que vem acontecendo com força nos últimos tempos, é interessante conhecer as expressões literárias de outras terras, outros lugares. Nesse contexto é que adquire relevo a Literatura produzida no continente africano, em especial nos países de língua e/ou expressão portuguesa. Destaco os casos de Angola e Cabo Verde, países de fortes ligações com o Brasil, embora arrefecidas hoje em dia em matéria de cultura.

Ao se falar em Literatura de Angola, os antenados se lembrarão de José Eduardo Agualusa e de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, o Pepetella. Trata-se de autores estudados nas Universidades brasileiras, ao lado do (com razão) festejado moçambicano Mia Couto. Já sobre a Literatura cabo-verdiana, poucos saberão dizer alguma coisa.

No entanto, a produção literária desses dois países em particular (a eleição deve-se a premência de espaço) é bastante significativa. A Literatura dos países africanos de expressão portuguesa foi pensada pelos intelectuais locais como um dos meios de moldar as nações resultantes do processo de independência dos anos 1970, e a produção surgida desde mais ou menos os anos 1950 já apresentava essa preocupação. O ciclo da guerra colonial motivou obras de importância para autores como o luso-angolano José Luandino Vieira e o português Antônio Lobo Antunes, para ficarmos em poucos exemplos.

Sob esse viés, Luandino Vieira é bastante representativo. Foi-lhe atribuído o Prêmio Camões em 2006, que, entretanto, recusou, e por motivos irreverentes: considerou que um tal prêmio deveria ser conferido a um autor ainda vivo, isto é, que continuasse a produzir, e à altura considerava-se “morto”. Inobstante isto, publicou dois livros naquele ano. Saramago o considerava “precursor da literatura angolana”, referindo-se ao processo de pensar o país independente, livre de laços administrativos com a metrópole portuguesa.

Já Cabo Verde, como se sabe, é uma nação insular, situada a mais de 500 quilômetros da costa ocidental do continente africano. Terra da morna, gênero musical que notabilizou Cesária Évora. Centro cultural importante do país, se não o mais, é a cidade de Mindelo, na Ilha de São Vicente, onde reside Germano Almeida. Vencedor do Prêmio Camões de 2018, Almeida é o mais conhecido autor cabo-verdiano, inserindo-se numa fase literária posterior àquela de formação das literaturas nacionais. Ao pintar a terra e seus tipos, embebe o pincel em tintas de fina ironia, e seus dezoito títulos publicados constituem verdadeira carta de apresentação das coisas locais.

Interessante aproximação aos autores africanos de expressão portuguesa pode-se iniciar pelos nomes citados. Essas maneiras diferentes de perceber os próprios mundos, tão diversos e, ao mesmo tempo, tão próximos da nossa realidade, prestam-se perfeitamente como exercício de alteridade. Como nos proporciona a boa Literatura.

\*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro dos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e do Espírito Santo e do PEN Clube do Brasil.

# Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares dos Santos\*

## *A busca do divino em Trívia de Marco Lucchesi.*

Um dos pais da Igreja, São Efraim (ou Efrém, o sírio), que viveu entre 300 a 373 no que hoje conhecemos como Turquia, em algum momento de sua busca espiritual, chegou à conclusão de que é impossível e contrário à limitada razão do ser humano querer definir Deus. A partir dessa constatação, ao lado do estudo e da meditação sobre os dogmas da fé, ele começou a se dedicar ao desenvolvimento de uma teologia que se ancorasse na arte poética. Ao ler o livro *Trívia* (Editora Patuá, 2019, 180 p.), de Marco Lucchesi, tenho a forte impressão de que a obra segue um caminho similar, ao permitir que o ethos do misticismo ocidental esteja amplamente presente em seus textos (que aqui chamarei de poemas), e uma vez que vejo neles uma tentativa, a partir da literatura, de se vislumbrar a face de Deus, assim como São Efraim buscou em sua obra.

Do mesmo modo que muitos dos poemas de São Efraim, os de Marco Lucchesi em *Trívia* têm estrutura curta, entre uma e seis linhas, possibilitando uma tessitura de movimentos rápidos, mas precisamente calculados e encaixados. Se considerarmos que uma das grandezas da arte poética é o agrupamento de uma enorme gama de significados em uma composição breve, perceberemos que os poemas de *Trívia* são ricos dessa qualidade de síntese.

As referências que Marco convida para o seu texto caminham na mesma direção da mística que evoca, uma vez que são, em sua maioria, associadas à busca pelo divino, e mesmo aquelas que não se relacionam diretamente com essa empreitada acabam a ela se prostrando: Safo (630 a.C. - 604 a.C.), Dante (1265-1321), Shakespeare (1564-1616), Goethe (1749-1832), Hölderlin (1770-1849), Frege (1848-1925) etc. São muitos os acompanhantes de percurso que Lucchesi elege. Indubitavelmente, o leitor dedicado irá se regozijar com esses convidados e com a viagem proporcionada pelo livro, mas não devemos nos esquecer de que nunca é fácil buscar desvelar o incognoscível. O primeiro mistério já nos é apresentado pelo título. A qual dos múltiplos sentidos da palavra “trívia” o autor deseja nos indicar, será que a todos eles? A minha primeira chave de leitura foi pensar no termo inglês *trivialities*, de onde herdamos a noção da palavra com o sentido de curiosidades ou informações de pouca importância. Ora, a obra de Lucchesi pode ter muitos adjetivos, mas não se encaixa no sentido de “trivial”, “coisa menor” ou “vulgaridade” que o vocábulo anglo-saxão carrega. Uma obra que almeja aproximar-se de Deus pode ser tudo, menos banal. É nesse momento que percebo que a palavra me soa como sendo de origem latina e o dicionário Dicio da língua portuguesa me confirma a suspeita, lembrando-me de que o vocábulo também pode ser utilizado para definir o local exato em que três ruas ou três caminhos se encontram. Penso que, por extensão, a partir de “trívia”, podemos ter chegado a um dos usos contemporâneos do vocábulo “trevo”. Ou seja, estamos mesmo em uma encruzilhada em que somos tentados a percorrer todos os caminhos que Lucchesi nos apresenta.

O subtítulo “diário filosófico” parece nos indicar uma pista (elusiva?). Será que podemos ler os textos do livro como recortes que se referem às reflexões filosóficas do próprio autor em sua jornada pessoal? Decido que prefiro ler o livro sem reminiscências biográficas. Atenho-me às referências internas da obra, que me indicam que a filosofia também pode ser um dos instrumentos da busca do sagrado. No centro de alguns dos referenciais que a iluminam, encontro Jacob Böhme (1575-1624) e Angelus Silesius (1624-1677). O primeiro desenvolveu uma obra que até hoje influencia o misticismo ocidental de base cristã



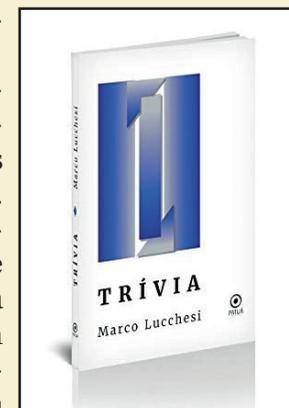
(veja-se, principalmente, mas não somente, a via cardíaca de Saint Martin (1743-1803) e o segundo foi cultor de uma poética igualmente mística como a de São Efraim, mas marcada pela tensão com o protestantismo de seu tempo. A obra de ambos influenciou profundamente alguns dos

percursos que a literatura alemã percorreria nos séculos seguintes, tanto o é que encontramos o seu alcance em Goethe, Novalis (1772-1801), Hölderlin, dentre outros, também evocados por Lucchesi em *Trívia*.

A obra, embora possa ser lida como estando unida pelo desejo de vislumbre do verbo divino, é dividida em quinze partes, cada uma delas englobando um corpo temático, por assim dizer. A leitura a seguir é pessoal e parcial, mas enumero assim os degraus da escada (de Jacó) em que se divide o livro de Lucchesi: o primeiro aborda justamente o fragmento e a sua articulação com a unidade; o segundo, o sono e o que guardamos dele na vigília; o terceiro, a fenomenologia da insônia; o quarto, as tensões do ato de traduzir, em que a cabala e a alquimia são algumas das imagens arquetípicas evocadas; o quinto degrau nos apresenta o Eros conduzido por Safo; no sexto degrau, a poética mística de Silesius parece alinhar o pensamento alemão em uma catedral de translúcida beleza; no sétimo degrau, o autor reflete sobre a musa Clio, ou a História, vista como uma poesia em escala ampla; no oitavo degrau, as linguagens da matemática e da língua falada se amalgamam nas reflexões de Frege; no nono, intitulado a propósito de “nona sinfonia”, prevalecem as meditações sobre música em algumas de suas mais elevadas inflexões; no décimo, a interpretação, a metáfora e a matemática se unem na tentativa de apreensão do infinito; no décimo primeiro, a função, a matemática e a lógica aparecem atravessando o ser em sua busca; no décimo segundo degrau, a poesia e a matemática se unem na composição da significação do mundo; no décimo terceiro, o pensamento ocidental se encontra com o oriental; no décimo quarto, os textos evocam uma teologia das religiões ecumênicas, em que um Deus babélico se encontra em seu centro, e, por fim, no décimo quinto degrau, a distância aparece como força propulsora da busca do divino.

Ao terminarmos o livro de Lucchesi, somos deixados com um poema que pergunta se ainda temos tempo de “salvar Deus para Deus”. Interpreto essa última frase como um chamamento para o despertar do Deus que está em nós, que, feitos à Sua imagem e semelhança, precisamos, no entanto, empreender um razoável esforço para retornarmos à Sua casa e fazermos resplandecer a Sua luz em nós. Nada é simples na busca proposta por *Trívia*, como São Efraim nos pergunta (Hinos sobre a fé I,16), “Como pode o servo, que não conhece propriamente a si mesmo / meditar sobre a natureza de seu Criador?”.

Esta é apenas uma das muitas interpretações que podemos fazer da obra de Lucchesi. Independentemente de nos alinharmos ou não a uma leitura mística do livro, tenho certeza de que o leitor de coração aberto se deleitará com um dos elementos centrais que ele proporciona: uma profunda jornada pelo pensamento literário, filosófico e científico do ocidente (com passagens também pelo oriente) e, obviamente, com o muito que deixei de dizer aqui e que os leitores descobrirão por si mesmos. Ao terminarmos o livro, ficamos com a impressão de que a viagem valeu a pena, mesmo que o vislumbre da face do divino ainda seja uma tarefa impossível ao nosso espírito limitado, há algo nos caminhos de *Trívia* que pode nos engrandecer como seres humanos. Tudo, no entanto, depende dos caminhos que decidamos empreender em nossas próprias jornadas.



\*William Soares dos Santos é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e escritor.

# Elis, o fino da bossa

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Uma das cantoras mais populares da história da música brasileira estaria completando 75 anos em 2020, se não tivesse morrido tão precocemente, aos 36 anos. Intensa e visceral, Elis Regina foi protagonista não só de uma fase da cena musical do país, como também da própria trajetória. A manhã do dia 19 de janeiro de 1982 entrou para a história da MPB como o dia em que o Brasil perdeu um de seus maiores talentos.

Elis Regina Carvalho Costa nasceu em Porto Alegre, no dia 17 de março de 1945. Há duas versões para a história sobre a escolha do nome da pequena gaúcha, filha de Romeu Costa e Ercy Carvalho. Segundo a própria cantora relatou em entrevista, seu nome tem origem numa personagem de romance que sua mãe lia na época do nascimento: “Miss Elis.” Sob a argumentação de que Elis poderia ser nome tanto de homem quanto de mulher, o pai sugeriu que houvesse outro nome feminino entre “Elis” e o sobrenome. Em homenagem à prima Regina, nascida na semana anterior, ficou Elis Regina Carvalho Costa.

A outra versão diz que o “Regina” apareceu porque a mãe queria também um nome bíblico. A origem etimológica “regina” vem do latim “rainha” – título atribuído a Virgem Maria.

Independente de superstição ou questão religiosa, um fato é certo: o nome de batismo foi premonitório. Indica voluntarismo, soberania e realeza: características que nunca faltaram à “Pimentinha”, como ficou conhecida anos depois, em decorrência de seu temperamento forte e de suas frases “ardidas”.

Pela competência vocal, musicalidade e presença de palco, Elis Regina foi considerada por muitos críticos a melhor cantora popular do Brasil, dos anos 1960 ao início dos anos 1980, comparada a cantoras como Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan e Billie Holiday. Com os sucessos de Falso Brillhante (1975-1977) e Transversal do Tempo (1978), inovou os espetáculos musicais no país.

Apelidada de Lilica na infância, Elis foi bem precoce na música. Aos três anos, já imitava os sambas-canção que tocavam no rádio da época, cantados por Emilinha Borba, Cauby Peixoto, Marlene, Francisco Alves e sua paixão, Ângela Maria.

Aos sete anos, quando nasceu o irmão Rogério, sua mãe a levou à Rádio Farroupilha para participar de um programa chamado “Clube do Guri”, apresentado pelo radialista Ari Rego. Em 1957, passou a fazer parte das crianças que se apresentavam regularmente, de modo amador, sem cachê. Como recompensa, uma caixa de chocolates do patrocinador.

No ano seguinte, com 13 anos, iniciou a sua carreira profissional, contratada por Maurício Sirotsky Sobrinho para a Rádio Gaúcha. Passou a ser conhecida como “a estrelinha da Rádio Gaúcha”. Nesse mesmo ano, foi eleita, por concurso, a “Melhor Cantora do Rádio Gaúcho”.

Em 1961, Wilson Rodrigues Poso, gerente comercial do selo Continental – pertencente à gravadora GEL, com sede no Rio de Janeiro, ofereceu um contrato padrão para dois discos aos pais de Elis: sem cachê, mas com divisão dos resultados das vendas. A moda da época era cantar rock. Carlos Imperial – então radialista de sucesso – foi chamado para produzir o álbum de estreia da cantora.

O primeiro disco, Viva a Brotolândia, procurou repaginar a imagem de Elis como uma cantora de rock, “para a juventude”. Apesar da crítica favorável, o álbum encontrou vendas decepcionantes. No ano seguinte, em 1962, a gravadora trocou o produtor (Diogo Mulero) e, novamente, modificou o repertório da cantora, que passou a interpretar boleros em Poema de Amor. A intenção era popularizá-la, mas as vendas continuaram decepcionantes.

Sem contrato de gravação, que já havia sido cumprido com o lançamento do segundo disco, Elis continuou com seu emprego na Rádio Gaúcha. Em 1963, outro representante de gravadora foi procurar

a família. Dessa vez, era Airton dos Anjos, da Discos CBS. Foi proposto um contrato muito parecido com o primeiro: dois discos que seriam lançados naquele ano, sem cachê.

E lá foi Elis para o Rio de Janeiro, novamente, gravar o seu terceiro LP. Para os dois novos discos, o produtor escolhido, Astor Silva, resolveu tentar transformá-la em cantora de sambas e versões popularescas. Assim, foram lançados Elis Regina e O Bem do Amor, novamente com vendas baixas.

De volta a Porto Alegre, Elis continuou trabalhando na rádio e fazendo apresentações pelo sul do país. Em 1963, no final de um show coletivo, no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, foi procurada por Armando Pittigliani, produtor do maior selo nacional, em férias na cidade. A partir daí, decidiu mudar-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde estava praticamente toda a indústria fonográfica nacional.

A família chegou ao Rio na manhã do dia 31 de março de 1964. Com sua experiência no rádio, Elis conseguiu rapidamente um emprego na TV Rio. Suas aparições, embora não rendessem cachês significativos, a popularizavam para um público maior.

A potência do seu talento logo chamou a atenção dos produtores e jornalistas Renato Sérgio e Roberto Jorge, que produziram o primeiro show da cantora no Rio. O espetáculo Sosifor Agora foi um sucesso no Bottle’s, boate que fazia parte do famoso “Beco das Garrafas”. No espetáculo, Elis cantou samba jazz, acompanhada pelo Copa Trio (Dom Salvador, no piano; Miguel Gusmão, no contrabaixo; e Dom Romão, na bateria). Com a ajuda do famoso coreógrafo Lennie Dale, aprendeu a mexer os braços como se estivesse nadando no ar, ou como as hélices de um helicóptero.

Um desentendimento com os produtores do show no Bottle’s encerrou a temporada e abriu oportunidade para o bar vizinho: o Little Club, produzido por Miele e Bôscoli. Assim como na temporada anterior, Elis faltava às apresentações para fazer shows em outras praças, o que levou a outra briga. A partir de então, a cantora nunca mais se apresentou no Beco.

Cumprindo atribulada agenda de shows em São Paulo, onde sua carreira decolou, Elis Regina mudou-se para a capital paulista, em fevereiro de 1965. Despontava como a primeira grande artista a surgir dos festivais de música na década de 1960.

Descolava-se da estética da Bossa Nova pelo uso de sua extensão vocal e de sua dramaticidade. Inicialmente, seu estilo era influenciado pelos cantores do rádio, especialmente Ângela Maria.

Depois dos quatro LP’s gravados sem grande sucesso, foi a maior revelação do festival da TV Excelsior, em 1965, quando cantou Arrastão, de Vinícius de Moraes e Edu Lobo, vencendo o I Festival de Música Popular Brasileira. Na ocasião, também foi premiada com o troféu Berimbau de Ouro de melhor intérprete. Nesta época, compôs sua primeira e única música – Triste Amor que Vai Morrer – em parceria com o jornalista e radialista Walter Silva.

Logo veio o título de primeira estrela da canção popular brasileira, quando passou a comandar, ao lado de Jair Rodrigues, um dos mais importantes programas de música popular brasileira, O Fino da Bossa. O programa ficou no ar até 1967 (TV Record, Canal 7, SP) e originou três



discos de grande sucesso. Um deles, Dois na Bossa, foi o primeiro disco brasileiro a vender um milhão de cópias. Seria dela agora o maior cachê do show business.

Um dos grandes sucessos dessa época e ao longo de toda a carreira de Elis Regina foi a canção Upa neguinho, de Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri, que fez parte do musical Arena conta Zumbi, dirigido por Augusto Boal, em 1965. Recordista de vendas pela gravadora Philips, cantou no Mercado Internacional de Discos e Edições Musicais (MIDEM), em Cannes, em janeiro de 1968, direcionando sua carreira para o reconhecimento também no exterior. Em 1969, gravou e lançou, internacionalmente, dois LPs: um com o gaitista belga Toots Thielemans, em Estocolmo, e Elis in London.

Em 1967, casou-se com Ronaldo Bôscoli, então diretor do O Fino da Bossa, com quem teve João Marcello Bôscoli (1970). Durante os anos 1970, aprimorou a técnica e domínio vocal.

A partir de 1972, Elis começou um relacionamento com César Camargo Mariano, com quem teve dois filhos: Pedro Camargo Mariano (1975) e Maria Rita Camargo Mariano (1977). Ficaram casados até 1981, em uma das mais bem-sucedidas parcerias da Música Popular Brasileira.

Em 1974, gravou com Antônio Carlos Jobim, o álbum Elis & Tom, considerado um dos melhores LP's da história da música popular brasileira. No ano seguinte, o espetáculo Falso Brillante (que originou um disco homônimo) tornou-se um dos mais bem-sucedidos espetáculos da história da música nacional e um marco definitivo da carreira.

Primeira pessoa do país a inscrever a própria voz como se fosse um instrumento, na Ordem dos Músicos do Brasil, Elis cantou muitos gêneros: da MPB, passando pela bossa nova, samba, rock e jazz. Interpretou canções célebres, como Madalena, Águas de Março, Atrás da Porta, Como Nossos Pais, O Bêbado e a Equilibrista, entre outros sucessos.

Criticou muitas vezes a ditadura brasileira, nos difíceis “Anos de chumbo”, quando muitos músicos foram perseguidos e exilados. A crítica tornava-se pública em meio às declarações ou nas canções que interpretava. Em entrevista, no ano de 1969, afirmou que o Brasil era governado por gorilas. A popularidade a manteve fora da prisão, mas foi obrigada pelas autoridades a cantar o Hino Nacional durante um espetáculo em um estádio, fato que despertou a ira da esquerda brasileira. Sempre engajada politicamente, participou de uma série de movimentos de renovação política e cultural, com voz ativa da campanha pela Anistia de exilados brasileiros.

Em 2013, foi eleita a melhor voz feminina da música brasileira pela Revista Rolling Stone. Citada na lista dos maiores artistas da música brasileira, ficou em 14ª posição, sendo a mulher mais bem colocada. Em novembro do mesmo ano, estreou um musical em sua homenagem: “Elis, o musical.”

Elis nunca deixou de ocupar lugar de destaque, tanto na música quanto no noticiário, como podemos conferir no exemplar da *Manchete*, do dia 22 de janeiro de 1983, um ano após a sua morte. Num belo texto de Renato Sérgio, leem-se várias frases célebres da cantora, atualíssimas: “Tomei parte de uma geração de músicos muito mais atentos. Nós ainda não tínhamos sido vítimas da assepsia cultural do

país”, ou ainda “No Brasil, a inspiração é americana, mas a organização é macunaímica” e “Viver é melhor do que sonhar”.

A cantora morreu precocemente aos 36 anos, no auge da carreira, causando forte comoção no país. Embora tenha havido controvérsias e contestações quanto à causa da morte, os exames comprovaram que o consumo de cocaína associado a bebida alcoólica provocou uma parada cardíaca.

Em agosto de 1997, Elis foi agraciada, a título póstumo, com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, de Portugal. Em 22 de setembro de 2005, inaugurou-se, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, um espaço memorial para abrigar o Acervo Elis Regina. Em 2015, foi homenageada pela Escola de Samba Vai-Vai, com o enredo “Simplesmente Elis - A Fábula de Uma Voz na Transversal do Tempo”.

Em 2016, foi lançado o filme Elis, tendo Andreia Horta como a famosa intérprete. Toda a trajetória da cantora foi contextualizada na minissérie Elis - Viver é melhor que sonhar, disponibilizada na Globoplay, onde se pode conferir, ao longo de quatro capítulos, o carisma e a genialidade de um mito. 38 anos após a sua morte, Elis continua viva, eternizada por sua voz transcendente e pela memória coletiva.



# Tecnologia como mediadora de leitura

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

Convidada pelo presidente do Instituto Quindim, Volnei Canonica, para aula virtual para professores das Salas de Leitura de Caxias do Sul, o tema me motivou e trouxe boas lembranças e experiências. Tecnologia como moderadora de leitura – como aproximar crianças e jovens da leitura, com a interferência da tecnologia?

Como os alunos das escolas públicas estão convivendo com as aulas virtuais em época de isolamento? Sabemos que esse acesso não é democrático e as limitações econômicas dificultam e limitam o acesso a computadores, tablets e celulares.

Partimos, então, da ideia da proposição de atividades pelos professores, selecionando e planejando encontros em que as TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação, sejam incluídas.

Inicialmente, enfatizamos que as tecnologias aplicadas à educação não têm compromisso com modismos ou novidades, deverão ser utilizadas como motivadoras, busca de caminhos alternativos à leitura.

A BNCC – Base Nacional Comum Curricular, prevê e estimula a utilização das tecnologias nas escolas, mas cada instituição deve identificar possibilidades e dificuldades dessa aplicação.

Pesquisa realizada pela Fundação Roberto Marinho e Plano CDR, em março deste ano, antes da pandemia do Covid-19, demonstrou que 85% dos jovens acessam a internet pelo celular; 43% entre os das classes D e E relataram ter alguma dificuldade de usar a internet e 80% não se sentem preparados para usar a internet na sala de aula.

Já imaginaram as dificuldades de uma família com um celular para organizar aulas virtuais para os filhos em idade escolar?

Em alguns pontos do Brasil, as Secretarias de Educação usaram alternativas para atingir aos alunos, como as TVs das Assembleias Legislativas e aulas pelo rádio, com o auxílio de emissoras locais.

Somos um país de realidades diversas, mas temos possibilidades de, com criatividade, proporcionar atividades prazerosas e acessíveis aos alunos. Atualmente, as editoras fornecem pela internet vasto material para os professores, com sugestões de atividades, contação de histórias e interatividade. Vários autores mantêm, em páginas virtuais, e-books e narração de histórias liberados para uso. Atividades nos celulares proporcionam pesquisas, grupos de estudos, desafios, acesso a imagens, músicas e filmes.

Aproveitar a tecnologia em nossas atividades escolares será uma forma de criar novas áreas de interesse, despertar a curiosidade e a participação dos alunos.

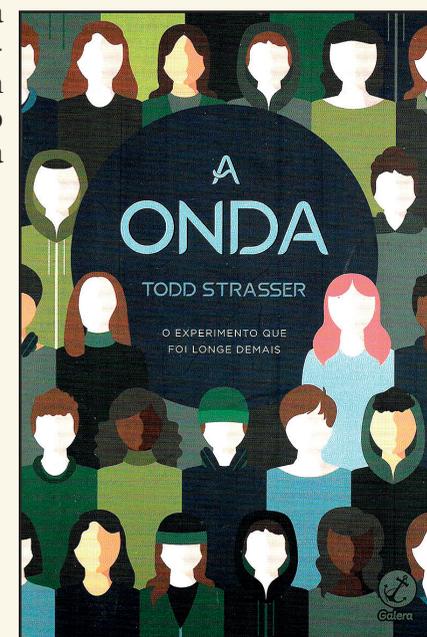
O isolamento social reforçou o uso da tecnologia como suporte educacional, mas é o livro o companheiro importante. O livro é a primeira tecnologia que nos transporta a espaços mágicos, com personagens e viagens especiais. Se tecnologia é apoio, a literatura é que nos leva mais adiante.



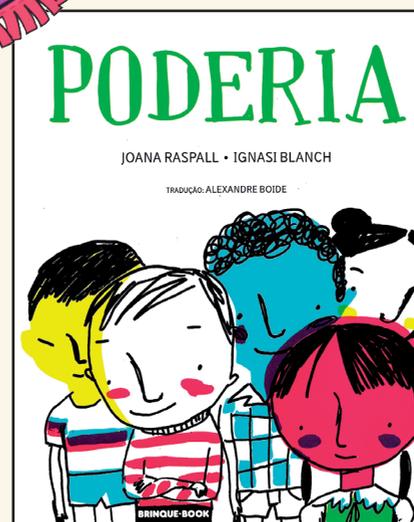
Apresentamos quatro livros que tratam de temas importantes e que precisam ser trabalhados e discutidos com os pequenos e jovens leitores: a manipulação de jovens que seguem um líder carismático sem análise; a aceitação de refugiados que buscam acolhida em nosso país (lembram do caso da menina agredida verbalmente por estudantes de um colégio de elite no Rio de Janeiro?); a questão de gênero com premissas pré-concebidas que rotulam a mulher como “recatada e do lar” e uma viagem à Amazônia que permite trazer para perto dos jovens os problemas da região e dos indígenas que ali habitam.



*A Onda – o experimento que foi longe demais* – Escrito por Todd Strasser e traduzido por Paula Di Carvalho (Galera Record) – Questionado por seus jovens alunos pela adoção do nazismo sem reação ou crítica pela juventude alemã, o professor de história Bem Ross recria o movimento em sala de aula e surge o grupo A Onda. As mudanças comportamentais da turma e as consequências do experimento abalam a todos. Um questionamento bem atual sobre o fascismo e a intolerância.

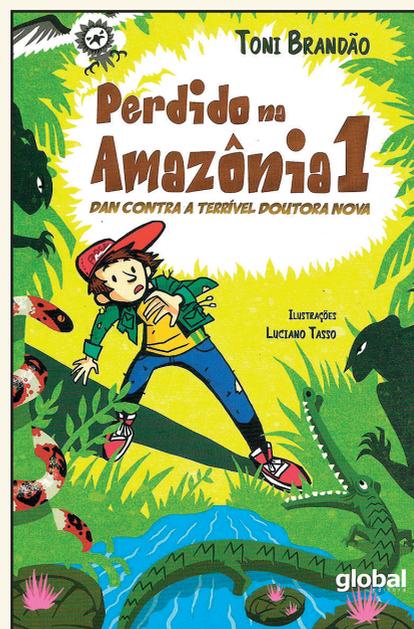


*Poderia* – Joana Raspall, ilustrações de Ignasi Blanch e tradução de Alexandre Boide (Brinque-Book) – Se



você tivesse nascido em outro lugar, como poderia ser? A importância de manter os braços abertos e acolher aqueles que fogem das guerras para escapar do sofrimento e da pobreza e que buscam encontrar uma vida melhor e alegria em outros lugares. As balsas precárias que atravessam o Mediterrâneo em busca de acolhimento na Europa sempre nos comovem, mas esquecemos que muitos refugiados também chegam ao Brasil e nem sempre encontram por aqui a bondade do abraço fraterno. Importante tema tratado de forma acessível às crianças.

*Eu Sou uma Menina!* – Yasmeen Ismail, tradução de Gilda de Aquino (Brinque-Book) – Determinada, esperta, cheia de atitude e energia, assim é a menina dessa história. E não é que muita gente a confunde com um menino?! Lembram daquela velha história que meninos jogam bola e meninas brincam de boneca? Ou que meninos vestem azul e meninas vestem rosa? Bem, a nossa menina mostra que não é bem assim!



*Perdido na Amazônia 1* – Toni Brandão, ilustrações de Luciano Tasso (Global) – Perdido na Amazônia, Dan vai descobrir planos perigosos, encontrar-se com indígenas e se deparar com uma cultura muito diferente da sua. E com um final surpreendente, Dan vai conhecer muito além da floresta e seus mistérios! A leitura vai motivar para a análise dos problemas pelos quais passa a região e seus habitantes: queimadas, grileiros, garimpeiros que aumentam o desmatamento de um dos mais importantes ecossistemas do mundo.

# JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

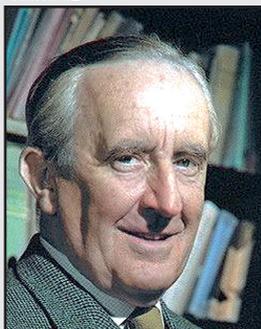


## JOAQUIM AFONSO FERNANDES DUARTE

(Ereira, 1 de Janeiro de 1884 – Coimbra, 5 de Março de 1958) foi um poeta português. Tem uma biblioteca com o seu nome em Montemor-o-Velho. Formou-se em Ciências Físico-

Naturais na extinta Faculdade de Filosofia de Coimbra. Professor da Escola Normal, interessava-se por etnografia e arte popular, refletidos na sua obra poética, ligada às crenças e mitos seculares, aos motivos da terra, vida animal, ao povo e à lida agrária. A sua sensibilidade poética deu-lhe um convívio com literatos de vários grupos e escolas. Colaborou n'A *Águia* e dirigiu a *Rajada* (1912-1914). Trata-se de um poeta em permanente atualidade, dado que vai acompanhando todos os movimentos poéticos da primeira metade do século XX. Nasce numa atmosfera de saudosismo dominado por Teixeira Pascoais. Entretanto, surgem outras escolas a que adere sem compromisso, mas com ironia e pendor populista. Logo as crianças, o desenho infantil, as pedras, as águas. Aparece, então, como saudosista no conteúdo e um modernista na forma. Algumas de suas obras poéticas: *Cancioneiro das Pedras* (1912); *Rapsódia do Sol-Nado* e *Ritual do Amor* (1916); *Sibila* (1950). Obras pedagógicas: *O Desenho na Escola*, *Barros de Coimbra* (Lumen, 1925); *Carta Metodológica "do desenho decorativo"*; *Os Desenhos Animistas de uma Criança de 7 anos* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 1933). Obras etnográficas: *O Ciclo do Natal na Literatura Oral Portuguesa* (Barcelos, 1936) e *Um Esquema do Cancioneiro Popular Português*.

acervo JL

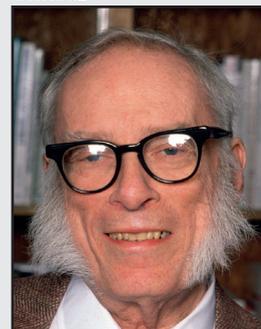


## J. R. R. TOLKIEN

John Ronald Reuel Tolkien (Bloemfontein, 3 de janeiro de 1892 – Bournemouth, 2 de setembro de 1973), foi um premiado escritor, professor universitário e filólogo britânico, nascido na África. Aos três anos de idade, passou a viver na Inglaterra. cursou a

Universidade de Liège e Dublin, em 1954. Desde pequeno fascinado pela linguística, fez a licenciatura na faculdade de Letras em Exeter. Participou ativamente da Primeira Guerra Mundial e é autor das obras como *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*. Tornou-se filólogo e professor universitário, tendo sido professor de anglo-saxão (e considerado um dos maiores especialistas do assunto) na Universidade de Oxford de 1925 a 1945, e de inglês e literatura inglesa na mesma universidade, de 1945 a 1959. Em 28 de março de 1972, Tolkien foi nomeado Comandante da Ordem do Império Britânico pela Rainha Elizabeth II. As suas obras foram traduzidas para mais de cinquenta idiomas, vendendo mais de 200 milhões de cópias e influenciando continuamente gerações e gerações. Em 2008, *The Times* listou Tolkien como o sexto entre os maiores escritores Britânicos desde 1945. Em 2009, a revista *Forbes* listou as 13 celebridades mortas que mais lucraram no respectivo ano. Tolkien alcançou a quinta posição, com ganhos estimados em 50 milhões de dólares. Foi casado com Edith Bratt e tiveram quatro filhos. Aos 81 anos de idade, no dia 2 de setembro de 1973, J. R. R. Tolkien faleceu na Inglaterra.

acervo JL



## ISAAC ASIMOV

(Petrovichi, Rússia Soviética, atual Rússia, 2 de janeiro de 1920 – Brooklyn, 6 de abril de 1992) foi um escritor e bioquímico norte-americano, nascido na Rússia, autor de obras de ficção científica e divulgação científica. Sua família emigrou para os Estados Unidos quando

ele tinha três anos de idade, em 1923, se estabelecendo na cidade de Nova York. A obra mais famosa de Asimov é a *Série da Fundação*, também conhecida como *Trilogia da Fundação*, que faz parte da série do *Império Galáctico* e que logo combinou com a série *Robôs*. No total, escreveu ou editou mais de 500 volumes, aproximadamente 90 mil cartas ou postais. São suas obras: *Guide to Science*, os três volumes de *Understanding Physics* e a *Chronology of Science and Discovery*, e trabalhos sobre Astronomia, Matemática, a Bíblia, escritos de William Shakespeare e Química. Em 1981, um asteroide recebeu seu nome em sua homenagem, o 5020 Asimov. O robô humanoide "ASIMO", da Honda, também pode ser considerada uma homenagem indireta a Asimov. Asimov casou-se com Gertrude Blugerman (Canadá, 1917 – Boston, 1990), em 26 de julho de 1942. Tiveram duas crianças, David (n. 1951) e Robyn Joan (n. 1955). Depois da separação, em 1970, ele e Gertrude divorciaram-se em 1973, e Asimov casou-se com Janet Jeppson mais tarde, no mesmo ano. Asimov morreu em 6 de abril de 1992, em Nova Iorque. Foi cremado e suas cinzas foram espalhadas. Ele deixou sua segunda mulher, Janet, e as crianças do primeiro casamento.

## FAÇA COMO O SAFRA. INVISTA NO SAFRA.

**VOCÊ PODE. Investimentos Safra.**

Ter performance e segurança nos seus investimentos e receber uma excelente orientação financeira do mercado. No Safra, você pode.

# Safra

Tradição Secular de Segurança

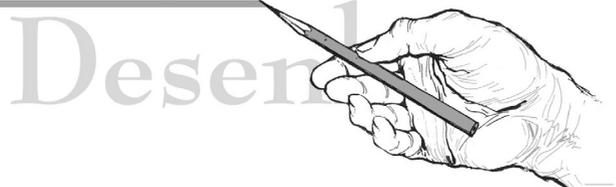
Fale com nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados. Atendimento aos portadores de necessidades especiais, auditivas e de fala / SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755, atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria – caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.



Por Zé Roberto

# arte Desenharte



zrgauna@hotmail.com



## ALISSON

Alisson Affonso nasceu no dia 23 de abril de 1979, é natural de Rio Grande/RS, onde reside atualmente. É Bacharel em Artes Visuais pela FURG – Universidade Federal do Rio Grande, e desenvolve pesquisas junto ao Coletivo Mancha Negra, grupo formado por artistas do Rio Grande, que produzem e editam suas próprias publicações de artes. Hoje, o grupo continua atuando em encontros de confraternização e troca de informações sobre artes visuais, além de participar de eventos. Alisson também atua como orientador, ministrando oficinas de desenho da figura humana em seu atelier, além de se dedicar também à música.

O artista foi editor do jornal *Peixe Frito*, revista *Ideia*, revista em quadrinhos *Plataforma HQ* e, atualmente, produz quadrinhos e ilustrações para a imprensa sindical.

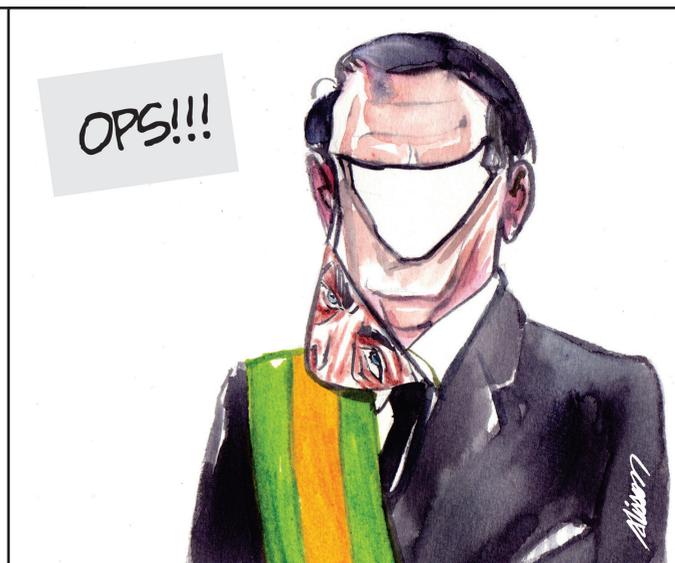
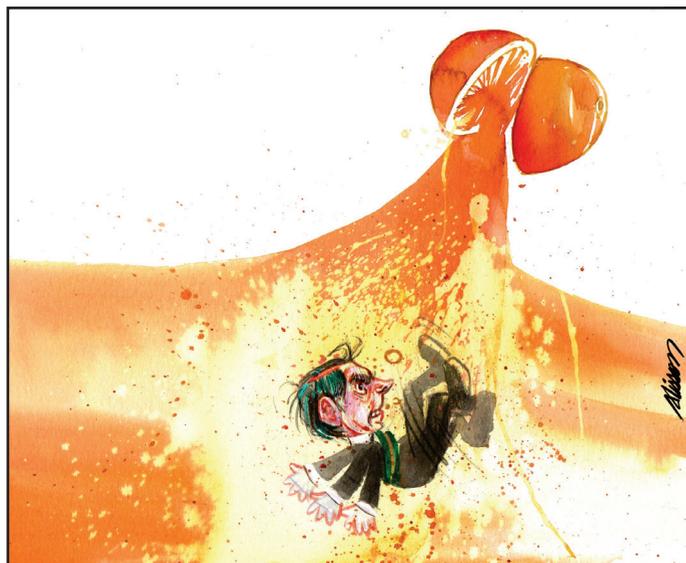
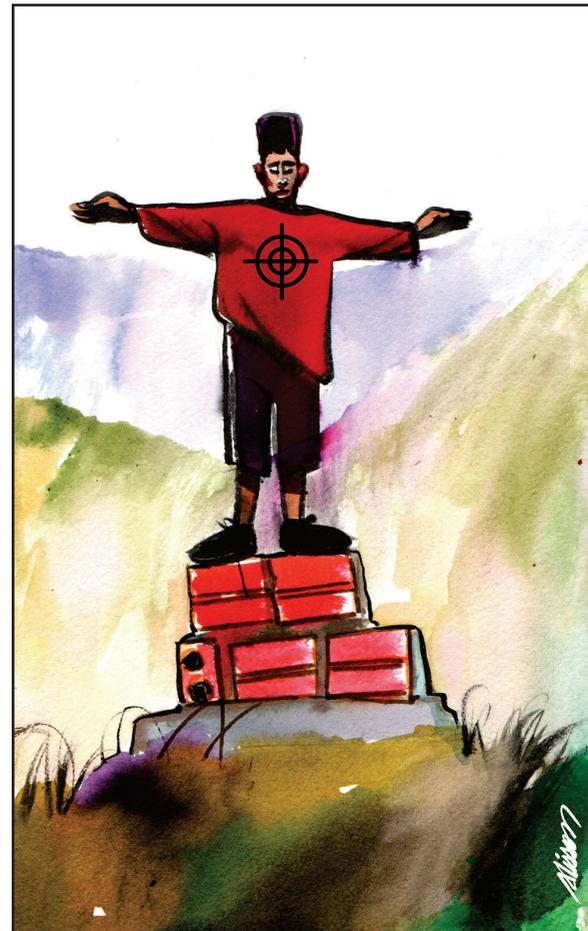
Desenhista diversas vezes premiado, obteve êxito em alguns dos mais importantes eventos do Brasil e exterior, entre eles o 1º lugar no prêmio de humor Caneva Ride! Prêmio Toni Zampol, Itália, em 2019; 3º lugar no 3º Salão de Humor do ABCD, Diadema, em 2018; 1º lugar nas duas primeiras edições do Salão de Humor de Rio Grande, categoria cartum, respectivamente em 2015 e

2016; 1º lugar no Salão Internacional de Desenho para Imprensa, 2014 e 2015; 1º lugar no Concurso de Tiras Humorísticas GAG, e Prêmio Ângelo Agostini de melhor publicação independente de 2013; 3º lugar no Concurso Cartum ZH, do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, em 2015; foi agraciado do 14ª ao 17º Salão de Humor de Cerquillo, entre os anos de 2016 a 2019; além de outras premiações em festivais de animação, no Rio de Janeiro. Foi um dos 20 artistas classificados para a exposição 20 x ARTE: contra o racismo e a censura no Brasil, organizada pelo Artigo 19 e Coalizão Negra por Direitos (coalizao-negrapordireitos.org.br), que reuniu ilustrações e charges sobre antirracismo e liberdade de expressão.

Na contramão do mercado editorial do momento, Alisson Affonso não utiliza o computador e os programas digitais para criar suas charges e ilustrações. O talentoso desenhista utiliza técnicas artesanais com tinta nanquim e aquarela, tudo no papel, com lápis e pincel.

As belas obras de Alisson Affonso podem ser admiradas nas redes sociais, no Facebook (affonso.alisson) e no Instagram (@affonso.alisson).

Saúde e Arte!



# Amália, tudo o que há dentro de nós

Por António Valdemar \*

Palavra, a palavra Amália desperta, umas vezes, a euforia e o deslumbramento da festa. O rosto alegre na cidade triste. Outras vezes, essa mesma voz coloca-nos perante estados profundos de angústia e de tristeza que nos fazem descer aos abismos da fatalidade e desespero.

Tudo aconteceu e com poetas tão diferentes das mais diversas épocas e tendências da língua portuguesa. E em relação ao Brasil e aos seus poetas? Gostava muito de Cecília Meireles, de Vinicius e de Manuel Bandeira. (Quando Vinicius esteve em Portugal, em 1970, foi apoteoticamente recebido em casa de Amália.) Uma vez levei-lhe uma antologia de Drummond. Dias depois, verifiquei que não era dos seus poetas. Também procurei que lesse a *Quaderna* de João Cabral. A reação foi pior. E recordo-me, como se fosse hoje: “Traga-me o Castro Alves. Não sei se sabe, interpretei o papel de Eugenia Camara, no filme Vendaval Maravilhoso. Levei-lhe o Castro Alves, o Juca Mulato, de Menotti del Pichia (com quem tive ótimas relações e ofereceu-me um autorretrato e uma interpretação do Juca!) e, também, uma antologia de Bilac.

Dias depois, telefonou-me para jantar. “Mas venha só. Não quero mais ninguém.” Olhou-me e começou a ler: “olha (dizeis) ouvir estrelas” (...) e prosseguiu “e eu vos direi: amai para entendê-las! / Pois só quem ama pode ter ouvido / Capaz de ouvir e de entender estrelas”. Ao terminar, tinha a voz embargada. E um nó na garganta. Também eu.

## Raízes judaicas

O centenário de Amália começou este ano. Foi a 1 de julho, embora a certidão de nascimento registre 23 de Julho. Nasceu, por acaso, em Lisboa, na rua Martim Vaz, na Mouraria. A família era da Beira Baixa – o pai, Albertino de Jesus Rodrigues, era sapateiro, natural de Castelo Branco; a mãe, Lucinda da Piedade Romão, doméstica, era do Fundão.

Desde épocas muito remotas, o Fundão é uma das regiões de Portugal de maior concentração de Judeus e de Cristãos Novos. À semelhança de Fernando Pessoa (que o confessou e escreveu, com pormenores genológicos, num texto acerca dos seus antepassados próximos), Amália Rodrigues tem raízes judaicas na Beira Baixa. Belmonte é uma das terras portuguesas onde, após a Inquisição e até ao 25 de Abril, a população, na sua esmagadora maioria, respeitou as tradições e, simultaneamente, praticou na clandestinidade, o culto. Tem, atualmente, sinagoga em pleno funcionamento, e um museu que faz afluir judeus de todo o mundo.

Os pais de Amália chegaram pobres a Lisboa em busca de melhores condições de vida e, seis anos depois, em 1926, mudaram-se para o Fundão e continuaram pobres. Amália ficou, desde os seis anos, com os avós maternos, em Alcântara. Fez tarde a instrução primária e teve uma infância e adolescência difíceis.

Já está a ser comemorado o centenário do nascimento de Amália. Mesmo nas circunstâncias atuais resultantes da expansão do Covid-19, pouco favoráveis para espetáculos públicos e outras manifestações culturais, traz à memória factos e acontecimentos que preencheram uma vida intensamente vivida.

## 30 Anos de amizade

Sendo Amália uma mulher que queria ser do povo, rodeou-se de poetas, de escritores, de músicos e de artistas plásticos que sempre acolheu com afetuosa hospitalidade. A relação com o mundo social decorreu dos anos 1940 ao princípio dos anos 1960, através do ator Erico Braga. Agente publicitário de Amália, também organizava as promoções do *Diário de Notícias*. Por indicação do diretor do jornal, Augusto de Castro, colaborei, como repórter, durante vários anos, em algumas dessas iniciativas. Assim, a partir de 1961, através de Erico Braga, comecei a ser recebido em casa de Amália. Até à morte a 6 de outubro de 1999.

Também David Mourão Ferreira atraiu, outros poetas, escritores e outros intelectuais, para casa de Amália. O mesmo aconteceu com Alain Oulman. Depois de Frederico Valério, musicou as letras e também selecionou para Amália poetas contemporâneos e poetas clássicos como Camões. Judeu de origem francesa e portuguesa, Alain Oulman, nascido em Portugal, tornou-se, desde 1961, amigo e colaborador de Amália. Perseguido e preso pela polícia política de Salazar, Alain Oulman exilou-se em Paris. Continuou a dedicar-se à música e, ao mesmo tempo, a trabalhar com um tio, proprietário da editora Calmam Levy. Será, em 1972, o editor do livro de Mario Soares *Le Portugal*

Baillonné, em português, com o título *Portugal Amordaçado*.

## Rua de São Bento, 193

A casa que Amália comprou, em 1955 – um edifício pós pombalino na rua de São Bento, número 193 – onde viveu mais de 40 anos, era ela. Ela própria, com todas as euforias e depressões que se alternavam no cotidiano. Também eram os amigos e, evidentemente, as pessoas da família. O resto era a paisagem que enquadrava essa extraordinária personalidade – os painéis de azulejos do século XVIII, lindíssimos e autênticos.

Flores, muitas flores, renovadas todos os dias. O piano de cauda, com uma guitarra em cima; alguns móveis, alguns quadros, entre ao quais o inevitável retrato mundano de Eduardo Malta. Falta, ainda, o busto de Amália do escultor Joaquim Valente, que lhe fixou a pose, a atitude, os olhos próximos e distantes. A imagem de marca da consagração nas casas de Fado em Lisboa, que a projetou em Portugal e, poucos anos depois, estendeu-se às capitais da Europa e das Américas, sem perder os vínculos com Lisboa. Talvez por isso, Aquilino situou-a entre os mitos de Lisboa, ao falar da “cidade maravilhosa de Ulisses e de Amália”. Anos mais tarde – quem o diria? – ambos ficaram no Panteão Nacional.

## Brasil, tão próximo

A consagração de Amália nas casas de Fado, em Lisboa, foi muito rápida. Estreou em 1956, em Paris, no Olympia. Os êxitos multiplicaram-se. O prestígio alargou-se às Américas, à Índia e ao Japão. O Brasil ocupou, desde os anos 1940, um lugar muito especial. Ficaram memoráveis, inúmeros espetáculos: *Canção Popular no Rio* (1966), protagonista do *Canecão no Rio* (1972); a última intervenção em 1991. Foi no Rio de Janeiro que, em 1961, casou com o engenheiro Cezar Seabra que, até falecer, em 1997, foi o companheiro inseparável.

Guilherme de Figueiredo teceu-lhe os maiores louvores. Também Carlos de Lacerda. E Assis Chateaubriand a enalteceu: “na sua arte do canto, o demônio da sinceridade” (...) que “é o protótipo do que o árabe deixou de mais sedimentado da sua ocupação na Península”. Na França, André Maurois sintetizou: “Amália é um fenómeno só comparável a Nijinsky.”

Apesar de todas as andanças pelo mundo, Amália manteve sempre fortes vínculos com Lisboa. Talvez por isso, Aquilino, num dos seus livros, situou-a entre os mitos de Lisboa, ao falar da “cidade maravilhosa de Ulisses e de Amália”. Anos mais tarde – quem o diria? – ambos ficaram no Panteão Nacional.

## Projeto lusofonia

Na sequência da fundação, da CPLP (Comunidade dos Países da Língua Portuguesa), José Pracana concebeu um projeto para impulsionar a lusofonia. Era um espetáculo com Amália – apenas a voz e apenas a sua presença emblemática – para difundir, através do lugar simbólico da ilha do Corvo, a língua portuguesa para todo o mundo lusófono, com incidência nos países da emigração.

Para o projeto inicial que se malogrou e que teve a honra de colaborar, a pedido de ambos, Amália escolheu a “Décima de Sílvio e Silvana”, poema de Vitorino Nemésio, do livro *Festa Redonda*, que a emocionou profundamente. Todavia, Alain Oulman musicava, na altura, versos de Cecília Meireles e não pensava noutra coisa. Amália não desistiu do poema e pediu, entretanto, a colaboração musical do seu guitarrista, Carlos Gonçalves, aguardando, para logo que possível, os arranjos de Alain Oulman ou, se ele entendesse, uma versão apenas da sua autoria.

## Retrato ou autorretrato

Decorrido pouco tempo, em março de 1990, falecia Alain Oulman, em Paris. Amália resolveu, então, concluir a interpretação e música e fazer a gravação da “Décima de Sílvio e Silvana”. Inexplicavelmente continua numa cassete. Sem a edição que se impõe.

Na “Décima de Sílvio e Silvana”, Amália transfigurava-se. A voz, logo que rompia o silêncio, conjugava o real e o imaginário. Era um suceder de espanto a espanto: *O seu pente é um triste cardo, / a sua vida é chorar (...)/ Tem sinais de anjo na cara / e de cabrinha no pé! (...)/ Retraça cachinhos de uvas. / A terra dá flores de sangue, / O céu agulhas de prata; / Uma sereia escondida / Canta, canta que se mata: / “Toca, flauta! E tu, Silvana, / Queima o teu pente dorido... / Sirva-te o mar de cabelo!” / Sílvio – navio perdido...*

João David Pinto Correia, num ensaio sobre “Voz e povo na poesia de Vitorino Nemésio”, identificou nas estrofes da “Décima” (afinal 24 quadras) a dimensão lendária de uma Sereia Melusina com sinais de Dama Pé de Cabra, mas transformada em Bela Infanta. Para além do que João David Pinto Correia salientou e de tudo quando há de raiz e de sentimento açoriano, Amália – pude várias vezes confirmá-lo – revia-se na “Décima de Sílvio e Silvana”. Era, afinal, o seu retrato, ou um dos retratos que desejava ter na posteridade.

\*António Valdemar é sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa e titular da cadeira número 3 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira de Letras.

# Sob os cedros do Senhor

Por Raquel Naveira

Solidarizando-me com as vítimas da tragédia ocorrida no Líbano, a explosão do dia 04 de agosto deste ano, que abalou a zona portuária e o centro de Beirute, transcrevo poemas de nosso romancista *Sob os Cedros do Senhor: poemas inspirados na imigração árabe e armênia no Mato Grosso do Sul*, livro publicado pela editora Scortecci, em 1992.

Sobre ele, escreveu Jorge Amado: “Belos poemas de *Sob os cedros do Senhor*. Gostei de ler ‘Na casa libanesa/Havia um tapete persa’ ou ‘São Jorge/Grande mártir/Guerreiro lutador’ – o mundo oriental que sinto tão próximo.”

Os poemas permanecem atuais e, neste momento, representam uma homenagem a toda a colônia libanesa do Brasil.

## Oliveira

Oliveira,  
Árvore abençoada,  
Canto tua doçura,  
Tua superioridade.

Que seria de meu lar sem teu azeite  
Que ilumina,  
Cura,  
Alimenta,  
Perfuma?  
Sagrado pilar.

Se colocar um de teus ramos em  
meus cabelos  
E espalhar teu óleo em minha testa,  
Tornar-me-ei rainha unguida,  
Cheia de paz.

## Cedros

Cedros,  
Árvores imponentes,  
Imensas,  
Agrupadas,  
Broches verdes  
No peito do Líbano.

De seus troncos  
Saíram navios,  
Altars,  
Templos.

Seus ramos e suas folhas  
Testemunharam impérios,  
Religiões,  
Raças.

A alma do Líbano se eleva  
Quando ora  
Sob os cedros do Senhor.

## Marujos fenícios

Gente libanesa,  
Brava, decidida,  
Herdeiros dos marujos fenícios.

De Tiro,  
Situada à entrada do mar,  
Entrepasto internacional de muitas ilhas,  
Guarda a lembrança do esplendor,  
Da beleza  
Da abundância de bens:  
Prata, ferro, estanho,  
Artefatos de bronze,  
Cavalos e corcéis,  
Dentes de marfim e ébano;  
Trocava mercadorias,  
Artigos finos:

Granada, púrpura,  
Tecidos bordados,  
Linho,  
Corais e rubis;  
De Israel recebia trigo, mel, azeite,  
De Damasco, vinho e lã,  
De Dã, cássia e cana aromática,  
Da Assíria, tapetes coloridos.

Tiro era rica, opulenta,  
Em navios lançavam-se os remadores,  
Marujos fenícios  
Que o vento desmantelou pelos ares.

## Primavera do Líbano

A primavera floresce no Líbano,  
É toda vermelha e púrpura,  
Reclinada na montanha,  
Erguida nos mastros dos cedros.

Gente da Europa,  
Ásia,  
África,  
Vem te dar prestígio,  
Sorver o clima de paraíso.

A um passo da tecnologia e do petróleo  
Tudo é luz,  
Exuberância,  
Cálices violáceos.

Todos se saciam com teu queijo  
De leite fresco,  
Tuas cerejas,  
Teus vinhos  
E se vestem de linho,  
Sedas coloridas.

Tua primavera é de fartura,  
A libra corre pelas ruas  
Como ouro líquido  
E brilha como joia.

Nos jardins,  
Jovens meditam  
Máximas de Shakespeare,  
Enquanto orquestras de pássaros e instrumentos  
Cantam tua primavera.

## Complexo Líbano

Líbano,  
Pequeno país asiático,  
Dividido  
Entre religiões,  
Facções,  
Etnias,  
Multifacetado  
Como um cristal.

Líbano,  
Páis de muitas cabeças,  
Cristãos:  
Moronitas,  
Gregos,  
Romanos,  
Ortodoxos,  
Assírios,  
Nestorianos;  
Mulçumanos:  
Sunistas,  
Xiitas,  
Drusos.

Como ser uno  
E diverso?  
Ó complexo Líbano!

## Guerra no Líbano

A guerra não é libanesa.  
De onde vieram a tempestade  
arrasadora,  
Os espíritos selvagens,  
Os perigos na fronteira?

Ó Líbano refinado,  
Alma sonhadora,  
Mente racional,  
Terra de mel, de leite,  
De tradições milenares,  
Esta guerra não é tua,  
Não és o autor,  
És palco e vítima  
De sangrenta tragédia.

## Escombros

Os escombros da guerra  
São cinzentos,  
Despojos cor de chumbo,  
De fuligem,  
De carbono.

Os escombros da guerra  
São móveis,  
Objetos,  
Vidros,  
Ferros,  
Corpos retorcidos e negros  
Como cascas de árvores  
Depois do incêndio.

De colorido,  
Azul e rosa,  
Sobre um altar de fumaça,  
Só a imagem de Nossa Senhora  
Das Dores do Líbano.

\*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.

# Dois poemas

Ester Abreu Vieira de Oliveira\*

## Retrato da mãe

De rosa sentada  
no branco banco  
com tímido sorriso  
pedia a proteção  
que tanto deu.

O tempo muda a forma  
mas conserva a essência:

Seu ligeiro andar  
diminuiu.  
Seu labor constante  
declinou.  
Seus cabelos pretos  
descoloriram-se.  
Sua profissão marcante  
descansou.  
Sua independência  
acalmou.

Sua preocupação com o outro  
aumentou.  
Suas reconstruções de fatos passados  
conservou.  
Seus brilhantes olhos verdes-cinzas  
permanecem, pois  
ali a vida continua,  
com força, a impulsionar-nos  
a trilhar o caminho da perfeição.

## Mar e Terra

O mar une terra e céu  
Valentemente.

Quantos segredos guardam  
O abismo e o cume!

Na Ilha do Frade,  
O mar brame sua fúria  
Para tocar,  
Empapar  
As paralíticas  
Rochas,  
Tomadas de susto,  
E morrer num tempo  
Infinito;

\*Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

# A SUA EMPRESA NÃO ESTÁ SOZINHA. O SINDICATO TRABALHA COM VOCÊ.

A união faz a força. Uma categoria unida tem muito mais condições de se proteger das oscilações do mercado e das alterações e introduções de novas legislações. É por isso que a sua empresa precisa do sindicato: para trabalhar pelos seus interesses junto aos órgãos competentes.

**Fortaleça quem fortalece a sua empresa.**

## CONTRIBUA PARA O SEU SINDICATO.

Acesse [www.fortalecasuaempresa.com.br](http://www.fortalecasuaempresa.com.br)  
e saiba mais.



# A morte do poeta

Por Francisco Aurélio Ribeiro\*

Sérgio Luiz Blank (1964-2020), poeta capixaba, foi eleito para a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) em junho de 2020, em disputada eleição com outros candidatos inscritos. Alguns de seus amigos o intitulavam de o maior poeta capixaba, título difícil de ser aferido, tal o número de bons poetas capixabas existentes. Só na Academia Espírito-santense de Letras, temos Humberto Del Maestro, Matusalém Moura, Ester Abreu, Gracinha Neves, Wanda Alckmin, Ítalo Campos, Anaximandro Amorim, Adilson Vilaça, Jorge Elias, Fernando Achiamé, Jô Drumond, Evandro Moreira, Marcos Tavares, Oscar Gama, Carlos Nejar, Luiz Busatto, Getúlio Neves, Magda Lugon, todos excelentes poetas. Após a sua eleição, Sérgio me procurou e solicitou, como Presidente da AEL, que marcasse logo a sua posse, pois aguardava um transplante de fígado e temia não poder esperar muito. Assim o fizemos e, no dia 22 de julho de 2019, Sérgio Blank tomou posse na cadeira 09 da AEL, sucedendo ao Prof. Américo Barbosa de Menezes, na presença de muitos amigos e conterrâneos de sua Cariacica natal. Foi saudado por Fernando Achiamé, que discorreu sobre sua trajetória de poeta, iniciada aos 20 anos, com a publicação de seu primeiro livro, *Estilo de Ser Assim Tampouco*, em 1984, a que se seguiram *Pus*, 1987, *Um*, 1989, *A Tabela Periódica*, 1993, *Vírgula*, 1996, e o clássico infantojuvenil *Safira*, 1991, livro com várias reedições.

Sérgio Blank passou mais de vinte anos sem publicar e, em 2017, sua obra completa saiu pela Editora Cousa, com o título *Os Dias Ímpares*. Nesse período, Sérgio atuava como produtor cultural, na divulgação do livro e da leitura e como oficina de produção poética, além de lutar contra uma cirrose que o destruía lentamente. Em 2019, Sérgio



Blank publicou sua última obra, *Blue Sutil*, livro composto de uma prosa poética minimalista, delicada, repleta de ternura e de uma verve irônica e sutil que acompanhava sua produção literária em sua visão de mundo e da miséria humana. O ressurgimento literário de Sérgio Blank foi uma alegria para nós, seus amigos, que o acompanhávamos e respeitávamos o seu silêncio. Com o advento das redes sociais, Sérgio angariou muitos amigos e seguidores, principalmente entre os jovens poetas, que com ele se identificavam e muitos leitores que curtiam e compartilhavam seus posts líricos, sarcásticos ou de amor ao livro e à leitura. Sua última ação nas redes sociais foi a criação do grupo “Ex Libris”, em que divulgava quadros e tiras sobre o livro e a leitura, sua paixão.

No dia 22 de julho de 2020, exatamente um ano após a sua posse na AEL, Sérgio Blank foi mais uma vítima da violência, tornando-se parte da estatística estadual que revela 594 assassinatos ocorridos de janeiro a junho deste ano, um número vinte por cento maior do que o do ano passado. Provavelmente, um crime de homofobia, uma tipificação inexistente nas anotações policiais, o que dificulta a confirmação desse tipo de homicídio do cidadão do grupo LGBT. Sérgio nos deixa para ir se juntar a seus amigos, Amylton de Almeida e Lacy Ribeiro, essa também vítima da violência social como ele. Tomara esse crime não fique impune, como o de Lacy.

\*Francisco Aurélio Ribeiro é ex-presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

## O ANEL QUE TU ME DESTE (*Pus*, 1987)

### parte um

gente que nasceu em meu ano  
não pensa a guerra  
pedala sem tocar qualquer chão  
pessoas que são poucas coisas  
passeios suados de bicicletas  
findando nos ônibus de rodoviárias  
nas caronas já caretas

### partem dois

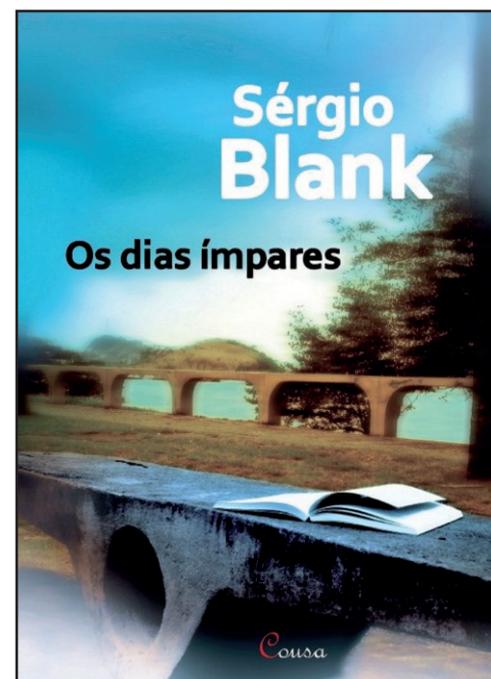
escritórios de textos poéticos  
de bossa à beça  
basta de bosta na festa  
besta com fama de lenda  
bis de novo  
nada de neo  
herói demitido  
a moto mata os mitos  
o destino dos mortos  
máquina de moer carne  
resta meu rosto  
farelo de rosca  
risco de farsa e elo  
entre tudo mesmo  
eu não falo mais nada  
eu não valho  
a tensão presta serviço

escreve o lucro do escravo boçal  
cabeça caída em tábua de bar  
agora eu vou  
um tanto além de embora  
morrer de rir  
engasguei com a gargalhada  
gargarejo de papo e papel  
encalhe no brasil

### partem todos

(da infância esquecida  
ao ultrapassado das rugas)

Sérgio Luiz Blank



# A sexagenária poesia de Carlos Nejar

Por Gabriel Nascente\*

gabrielnascente@yahoo.com.br

Num tempo de enturvadas incertezas, e que nos parece abrir novos caminhos para o precipício, comemorar um evento literário pode não ter a repercussão de um foguetório de gols de final de campeonato; nem o estrondoso delírio das massas ovacionando os endeusados astros da música sertaneja; mas certamente engalana o âmago de nossas almas, tão ávidas da flor desses mistérios que embalsamam a criação poética.

Encontrar-se com a poesia de Carlos Nejar, este profícuo “Servo da Palavra”, é preciso parcimônia espiritual, amar o fulgor estético, e ter, sobretudo, leitura meditada, de fino bom gosto, para adentrar o poderosíssimo imaginário de suas metáforas. Pois este gaúcho, de enorme desadorno telúrico, lá dos intermúndios dos pampas, chove poesia e é como um dique arrombado pela força das enchentes. Do contrário, não assoalhava tamanho repertório bibliográfico, de cuja lavra literária ultrapassa hoje a robusta soma de mais de cinquenta livros publicados, entre ensaio, crítica, romance, novela e poesia, sobretudo poesia, sua tromba d’água.

No último dia 17 de julho, o acadêmico e laureado poeta Carlos Nejar (ele é da Academia Brasileira de Letras), inteirou sessenta anos de vida literária dedicada ininterruptamente à poesia. O vate e o sua verve homérica de criar; perseguidor indômito do impossível, cuja luz da criação ainda arde nas mãos do poeta.

Há quarenta e cinco anos atrás, quando no outono de 1975, eu retornava da minha clandestinidade política, em Buenos Aires, e vi, pela primeira vez, o poeta Carlos Nejar, descendo de seu automóvel num estacionamento da rodoviária de Porto Alegre. Ele fora me buscar, todo galhardo e gentil comigo. E, de chofre, me ofereceu estalagem. Selava-se ali, e então, o vínculo afetivo, existencial e literário, de uma bela e fecunda amizade, frutificada, às fartas, por uma torrente de inefáveis alegrias.

Um dia, em uma de suas inumeráveis dedicatórias a mim inscritas, ele sapecou o improviso: “Ao poeta-irmão – Gabriel Nascente, nascendo adiante, cujo sapato tem sola de estrela e o verso, correnteza na mão. /Com afeto, Carlos Nejar.” Os anos indo se foram, feito farinha de vidro que o vento espalha. Em muitos retângulos e ângulos da vida, somos parecidos. Irmãos zodiacais também somos. É Capricorniano. Eu, também de janeiro, aquariano. Ambos, com cheiro de serragens no sangue; tanto ele quanto eu nascemos filhos de marceneiros e do verão. E herdamos a enxó da poesia carpinteira, que rasga madeira e enverniza móveis com metáforas do céu.

Ficcionista de iluminados voos pelos gêneros dos romances e das novelas. Renascentista. Estoico, popular e povo. Com espumas de correntezas para escrever, e flagrar as irradiações do espírito em torno da palavra. Historiador e crítico, tradutor, o bardo (e sua Árvore do mundo, pampaneira), desganhada em paixões de fogo pela poesia, que, há sessenta anos de Sélesis – seu avant-première literário de 1960 – desde quando a palavra ia rasgando a nudez de tua alma.

Deste meu frugal vínculo de amizade atada a ele – o Nejar homérico dos pampas –, muito aprendi, muito lhe devo, muito ganhei. Às vezes, quando encaramujado entre os negrumes de uma delgada tristeza, se me apresenta um tanto choroso e quérule, amargurado, disto eu sei, e confesso: o enorme poeta da Jovem eternidade é divinamente atroz na cachoeira de teu viver, robusto de sonhos e alegrias, ombreado aos querubins de teu engenhoso ofício de acender relâmpagos e amar o amor que é o seu “violoncelo/tocado para dentro”.

Pelos seus sessenta anos de literatura consagrada ao miraculoso lume do ofício poético, eu, do lado de cá das barranqueiras do rio Paranaíba, em minha tosca Sala Albert Camus, entoarei o meu júbilo de retumbante profaças ao divino poeta e irmão de âmago em luz.

\*O poeta Gabriel Nascente ocupa a cadeira nº 40 da Academia Goiana de Letras.

## Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

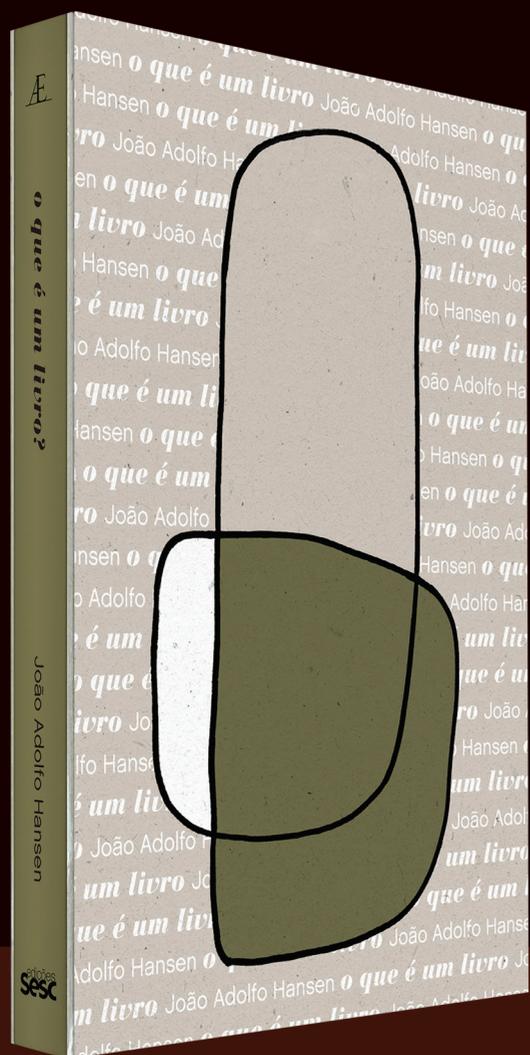
**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

INFORMAÇÕES:  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545



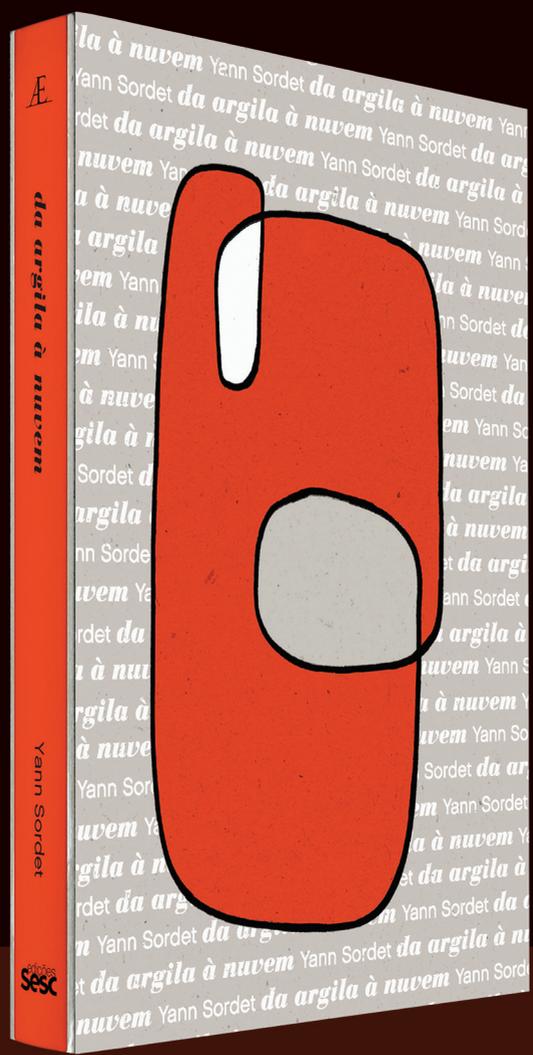
Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)





**O QUE É  
UM LIVRO?**  
João Adolfo Hansen

Um panorama da história da escrita e do livro desde os formatos mais primitivos.



**DA ARGILA À NUVEM**  
uma história dos catálogos  
de livros (II milênio –  
século XXI)  
Yann Sordet

Uma abordagem sobre a coleta, organização e sustentabilidade de dados por meio da história das formas e das materialidades dos catálogos.



**A SABEDORIA DO  
BIBLIOTECÁRIO**  
Michel Melot

O universo dos bibliotecários, guias em meio ao oceano de conhecimento decantado nas bibliotecas.

# BIBLIOFILIA

## COLEÇÃO BIBLIOFILIA

direção | Plínio Martins Filho e Marisa Midori Deaecto

coedição | Ateliê Editorial e Edições Sesc São Paulo

[sescsp.org.br/edicoes](http://sescsp.org.br/edicoes)

    /edicoessescsp

edições  
**Sesc**